

A CONQUISTA

Coelho Neto

AOS DA CARAVANA

Entre os celtas, nos tempos rijos e sanguinários, quando, pelas agrestes montanhas, dia e noite, atroavam buzinas roucas conclamando os guerreiros para a defesa da pátria ou para a partilha dum gamo, enquanto as facas iam talhando a selvagina, ao clarão rubro da fogueira, os file, com os olhos no céu, correndo os dedos ágeis pelas cordas da harpa, recontavam os feitos dos heróis, as beneficências dos gênios e as maravilhas excelentes da terra farta e amável.

Os *file* eram a "memória" da raça.

Porque ainda não surgira o artista imortalizador que gravasse na pedra eterna ou inscrevesse na folha destrutível a tradição nacional, os *file* guardavam na memória, transmitindo, de homem a homem, não só os hinos improvisados pelos bardos como as lendas do gênio popular, e a história, conservada nesses monumentos orais, ia dum a outro, como a chama dum círio passa a outro círio.

Dividiam-se os file em dez categorias, desde o *oblaíro*, que apenas sabia sete histórias, até o *ollam* que repetia de cor trezentas e cinqüenta.

Este livro, amigos meus, é mais vosso do que meu, porque na sua composição entrou apenas a minha memória. Como o *ollam* venho contar aos que surgem a odisséia da nossa mocidade.

Triste, triste foi a nossa vida posto que, de longe em longe, como um raio de sol atravessando nuvens tempestuosas, o riso viesse palidamente à flor dos nossos lábios. Mas chegamos, vencemos... Deus o quis! E, se ainda não tomamos de assalto a praça em que vive acastelada a indiferença pública, já cantamos em torno e, ao som dos nossos hinos, ruem os muros abalados, e avistamos, não longe, pelas brechas, a cidade Ideal dos nossos sonhos.

Mas no dia em que nela pudermos entrar vitoriosos, pisando a verde, macia e cheirosa folhagem, indo repousar à sombra das árvores, perto da frescura e do murmúrio da água, nesse dia, reunidos pela saudade, sacrificaremos, com religioso sentimento, aos manes dos que ficaram adormecidos à sombra dos ciprestes.

É vosso todo este livro, meus amigos. Eu vim seguindo a caravana que a Musa precedia, cantando, como Minam, à frente de Israel, no êxodo. Vim seguindo e apanhando pelo caminho saibroso e seco as gotas de sangue, as gotas de lágrimas, as estrofes sonoras, os arrancados soluços e os suspiros que deixáveis e, durante a marcha, só três vezes paramos, com as liras caladas, os olhos lacrimajantes, para guardar na terra santa os que caíam.

Já lá vão quinze anos de sonhos e de sofrimentos!

Eis-nos acampados diante da cidadela e que temos nós? Que tesouro possuímos depois de tão árduo combate? Temos ainda, e só, a moeda com que nos lançamos à aventura: Esperança, e alguns louros na fronte: os primeiros cabelos brancos. Enfim...! Já é muito não havermos perdido a Esperança.

O ollam vai falar. Sursum corda!

C.N.

I

A manhã tépida, rosada e ressoante - porque os sinos badalavam festivamente em todos os campanários iluminados pelo sol magnífico dum sábado de verão - tinha para Anselmo um encanto novo. Seus vivíssimos olhos pardos, fulgurantes como os dos tigres, filtravam, através das lentes do *pince-nez*, a alegria, toda espiritual, que lhe ia na alma. Errando pelo céu muito azul, repousando na copa frondosa das árvores do parque onde cantavam, à compita, cigarras e passarinhos, deslizando pela verdura macia dos tabuleiros, boiando nas águas quietas, lisas, espelhentas dos lagos, raro em raro frisadas pelas palmouras dum cisne, que ia airosamente da margem à ilha, tão sereno como se vogasse ao som da correnteza, não viam seus olhos senão a casa para onde o levavam ansiosamente os passos sôfregos, do outro lado do parque, perto dos Bombeiros.

Que lhe importava o esplendor da manhã se outro maior lhe estava reservado além daquelas grades, num retiro maravilhoso de Arte, povoado de mármore divinos, como um templo?

Ali, sim! Dilataria a alma sequiosa e seus olhos teriam a desejada visão duma oficina sagrada. O soalho, de caprichoso e miúdo mosaico de madeira, encerado, luzidio, devia ser forrado por um largo tapete de altas felpas moles, semeado de flores, por entre as quais ninfas, graciosamente nuas, andassem fugindo aos egypans, não porque os temessem, senão para que, demorando a posse, mais os desejos neles inflamassem.

Nas paredes preciosos e raros gobelinos, panos da Ásia, de seda e ouro, com deuses truculentos e aves abrindo caudas imensas resplandecentes, oculadas de ouro. E telas de artistas célebres sóbrias; bronzes e mármore, panóplias de armas autênticas, uma severa biblioteca de madeira negra sabiamente abastecida, a mesa, vasta e pesada, manuelina; cadeiras altas como faldistórios e, acima da mesa, suspenso do teto por uma grossa corrente de velhíssima prata, a lâmpada serena das meditações.

Assim imaginava Anselmo a casa de Ruy Vaz, à qual se dirigia pela primeira vez.

Conhecera o romancista na rua do Ouvidor, dias antes, e ia vê-lo na intimidade do gabinete, nas suas vestes maneiras de trabalho.

la penetrar esse ádito em que habitava o escritor que ele seguia de longe, enamoradamente, quando o via passar na multidão com grandes olhos femininos, de longas, sedosas e curvas pestanas, sempre enevoados de sonhos, cofiando o bigode negro, num andar rápido como se sempre fosse à pressa anotar uma idéias, registrar uma observação, rematar uma página, esboçar um romance, consultar uma nota. E tinha revoltas violentas vendo a indiferença da multidão que nem sequer abria alas ao autor de tantas e tão soberbas páginas humanas.

Seguia e, se fosse a uma apetitosa aventura de amor, discreta e arriscada, sorver extasiadamente o primeiro beijo criminoso, enlaçar, com ânsia, o corpo branco e fragrante, molemente lânguido, da mulher amada, não levaria o coração tão sobressaltado. Quando passou o portão deteve-se um momento ao sol, hesitante. "Mas àquela hora o romancista devia estar almoçando..."

Uma corneta soou gravemente, em notas prolongadas e o dobre de um sino passou rolando nos ares lúcidos. Meio-dia!

Atravessou a rua e, de olhos altos, consultando as placas, parou diante de um largo portão que, abrindo sobre um pátio ladrilhado, dava ingresso à casa, de dois altíssimos andares.

Um homem barbado, em mangas de camisa e descalço, varria preguiçosamente a entrada, com a cabeça derreada, um olho fechado para evitar a fumaça do cigarro que lhe rolava, úmido, nos beiços. Anselmo abordou-o:

- Não mora aqui o senhor Ruy Vaz? O homem cuspiu para um lado a ponta do cigarro e, levantando a cabeça hirsuta e ruça de poeira, encarou o estudante com indiferença:

- Quer falar ao senhor Ruy Vaz?

- Sim.

- É por aqui, a terceira porta. E, enristando a vassoura, indicou uma passagem estreita ao lado da escada que levava aos pavimentos superiores. Com a direção indicada, Anselmo dirigiu-se a um corredor cimentado onde amareleciam pontas de cigarros, ao longo do qual corria uma banquetta de tinhorões que o calor escaldante da hora amolecia. Seguindo, metia os olhos indiscretos por todas as janelas, surpreendendo interiores modestos: camas desfeitas, mesas abarrotadas de livros, malas aos cantos. Em um deles um estudante, em camisa, com as pernas nuas, curvado diante de um lavatório de ferro, fazia o laço da gravata ao espelho, enquanto outro, moreno, de óculos, ia e vinha alarmando o silêncio com um vozeirão tormentoso à medida que escovava, com fúria, o casaco que sustentava nas mãos suspenso pela gola:

A vindima eis terminada
É beber, toca a beber!

Mentalmente Anselmo concluiu a copla da opereta:

Boa pinga preparada
Vai provada agora ser.

Justamente chegava diante da janela que arejava e iluminava o retiro espiritual do romancista. Deteve-se e o sangue, violentamente sacudido pelo choque duma grande surpresa, estuou-lhe no coração.

Ó sonho! Ruy Vaz ali estava, não como um deus no santuário venerável, mas homem, simples homem, modesto e pobre, entre móveis reles, de calças de brim, camisa de cetineta aberta no peito, curvado sobre a bacia do seu lavatório de vinhático escovando os dentes com fúria.

Ao centro da sala a mesa acumulada de livros e de papéis, duas estantes de ferro, a cama ao fundo e as paredes nuas, tristemente nuas como as da cela de um monge.

O estudante, passada a primeira impressão, sentiu-se mais à vontade. Aquela singeleza ascética tornava o homem mais acessível, humanizava o deus e, repentinamente, como nesse relâmpago cerebral dos moribundos que revêem a vida inteira no transe extremo da agonia, Anselmo lembrou-se dos grandes escritores: Camões, seguindo lentamente as ruas de Lisboa na fria, nevada tristeza das manhãs de inverno, estendendo a mão gloriosa e forte da pena e da espada à caridade; Cervantes, encolhido num cárcere, com um cantil e um pão; Shakespeare, sofrendo os cavalos das segas à porta dos teatros e, mais próximo, o dulcíssimo Lamartine acabrunhado e esquecido; Balzac decompondo o cérebro para abrandar os credores que o perseguiram implacavelmente; Murger acabando na triste sala dum hospital e.

- Oh!

- Bom-dia!

- Entra. Vendo-o, Ruy Vaz precipitou-se para a porta arrastando chinelas e convidou-o descerimoniosamente: Entra... Então? Ofereceu-lhe uma cadeira. Anselmo, porém, repousando o chapéu sobre a mesa, ia sentar-se em outra, mas o romancista opôs-se:

- Essa, não! Joga muito, é o meu navio. E a cadeira das sensações de aventura e um edificante exemplo dos funestos resultados do vício. Serve para dar-me a ilusão das grandes viagens pelos mares fortes e, ao mesmo tempo, previne-me contra as bancas. Joga tanto que até perdeu os fundos. Que há de novo? Está um dia magnífico para um passeio ao campo. Atulhou de fumo um cachimbo, repolteou-se na sua cadeira de trabalho, esticou as pernas, cruzou os pés e ficou-se baforando.

Anselmo achava-o íntimo demais. A sua mobília não era das mais preciosas, isso não era, mas o talento dava-lhe direito a uma restiazinha de orgulho; era, entretanto, de tão lhana franqueza, de tão simples camaradagem... Ainda orgulho, pensou o estudante. O romancista, notando-lhe a timidez e o vexame, queria pô-lo à vontade. Magnânimo, isso sim; magnânimo como um leão.

- Vim interromper o seu trabalho, disse Anselmo tomando da mesa uma espátula de osso.

- Não, por hoje tenho a minha conta. Ia agora justamente fazer o meu pequeno passeio à chácara. Quer vir?

Pois não. Saíram seguindo para o fundo da casa. O que o romancista chamara pomposamente, imaginosamente "chácara" era um terreno bravio, que fora, em tempos mais prósperos, jardim cheiroso e de trato. Um caramanchel, sobre o qual alastrava, viçosa, a verde folhagem de uma passionaria, fazia uma arcada rústica dando passagem para esse canto isolado e mudo de meditação e entulho. Ao centro, sitiado pelo mato daninho, velho tanque escalavrado e seco, com um outeirinho ao meio de onde subiam, largas e duras, as folhas de ferro de uma planta que, outrora, esguichara a água sussurrante por um bico insinuado entre as hastes derreadas e enferrujadas. Um banco forrado de conchas, com assento de mosaico, escaldava ao sol, junto ao muro; outro fronteiro, resguardado pela ramada frondosa dum tamarindo, com muita erva em torno e, derrubado, meio oculto pelas ervas, um héracles de louça, fendido e enegrecido, com a pele do leão sobre os ombros, um coto da massa ao punho, em atitude contemplativa, jazia em esquecimento triste.

Os olhos alcançavam os fundos das casas vizinhas: janelas abertas à luz, chaminés fumegando, mulheres debruçadas falando para os quintais; e, de instante a instante, cortava fundamentalmente o silêncio o grito de uma araponga, metálico como a pancada sonora e ressoante do malho na bigorna. Sentaram-se os dois e Anselmo pôs-se a falar saudosamente da terra amada e longínqua, berço de ambos, província farta que é um celeiro e um Parnaso onde, com a mesma exuberância, pululam o arroz e o gênio; terra de algodão e de odes donde; com ingrata indiferença, emigram os fardos para os teares da América e os vates para a rua do Ouvidor; terra das líricas, terra das palmas verdes, terra dos sabiás canoros.

O romancista ouvia a facúndia do patrício, fumando com a impassibilidade de um turíbulo, os olhos altos como se seguisse um sonho. O silêncio de êxtase em que ficou foi interpretado pelo estudante como uma prostração de saudade.

Ele fora despertar na alma do patrício a nostalgia que o tempo consumidor havia esmaecido, lembrando-lhe a terra nativa onde lhe haviam corrido os dias da infância, onde haviam rolado as suas primeiras lágrimas. Céus que seus olhos lânguidos tanto namoraram nas doces manhãs cheirosas quando, das margens remotas dos grandes rios vinham, em abaladas, brancas, sob o azul macio, as garças peregrinas; campos de moitas verdes onde, nas arroxeadas tardes melancólicas, ao som abemolado das flautas pastoris, o gado bravio, descendo das malhadas, em numeroso armento, junto, entrechocando os chifres aguçados, mugia magoadamente quando, por trás dos serros frondosos, lenta e alva, a lua subia espalhando pela terra morna o seu diáfano e pálido esplendor; frescas ribeiras, sonoras onde o mururu expande o seu aroma, à noite; serras e alcantis agrestes, sítios do alto sertão, cabanas hospitaleiras das estradas, noites de idílio, noites de festa... Ah! Tabaroas morenas de olhos negros, colos que cheiram como baunilhais, bocas que recendem mais que bogaris... Ah! Minha terra! Cantilenas de amor junto à fogueira, balsas vogando rio abaixo, ao sabor da corrente... Ó tempos nunca esquecidos! Ah! Minha terra!

Dois pombos passaram no ar batendo as asas.

- Em que pensa? - perguntou Anselmo.

- Na minha terra. Enfim... que hei de fazer se o coração entende que, apesar de tudo, hei de ter saudades dela.

- Apesar de tudo... Tem então alguma queixa?

- Se tenho alguma queixa?! Da terra, não: dos homens, muitas. Depôs o cachimbo e, miudamente, em narração sentida, recapitulou a sua história de sofrimento e heroísmo. Primeiro no comércio, vida acabrunhadora e rude, toda material. De manhã, à hora dormente d'alva, quando ainda, com a luz dourada que nasce, brilha a pálida estrela, de pé, os olhos mal abertos, lá ia varrer os cantos da casa, espanar o balcão, os móveis e arrumar à porta as amostras. Depois todo um longo dia a servir, entre o tédio dos fregueses e a grosseria dos patrões, ganhando apenas o alimento escasso que parecia ser dado como esmola. À noite, num quarto abafado sobre uma enxerga, com uma candeia lúgubre, enquanto os companheiros, extenuados, roncavam trovejantemente abalando o tabique, entregava-se à furtiva leitura. Lia, lia sem ouvir os sinos da Sé que, no silêncio adormecido, gravemente anunciavam as horas. Lia, mas com que receio, estremecendo ao menor ruído, preparando-se para soprar a candeia a fim de que o não apanhassem em flagrante de tão nefando crime. E os galos cantavam, rompia a manhã. Cerravam-se-lhe, então, as pálpebras. Mas um dos companheiros, que dormira balordamente a noite toda, ia arrancá-lo ao leito impelindo-o para a vassoura com o pulso acostumado às arrobas dos fardos.

- Eh! Molenga! Quem sabe se temos aqui um filho de morgado!

Só aos domingos dava um pulo à casa e, com o rosto no colo maternal, soluçava, sentindo uns dedos brandos e carinhosos andarem-lhe pelos cabelos e, de vez em quando, um beijo na fronte. Mas quando os lábios fugiam, no ponto em que soara o beijo, lágrimas ficavam.

Mas quis Deus que o livrassem do tormento - lá foi aos estudos e, à medida que no Liceu escutava a palavra lenta de Sotero, o mestre amigo que sabia de cor Horácio, Ovídio e Virgílio, no *atelier* de um artista passava as horas de folga familiarizando-se com o desenho: estirando as primeiras linhas, contornando imagens, debuxando *academias*, entre esboços de telas, *estudos*, *manchas*, até que, um dia o mestre, dando-lhe tintas, uma tela nova e liberdade, escancarou a porta larga do *atelier* que abria para um terreno amplo, mostrou-lhe a Natureza, a esplêndida e viva Natureza na sua agitação alegre, num esplendor de cores, numa harmonia de sons e disse-lhe: trabalha! Foi nesse dia de deslumbramento que ele sentiu no coração o surto artístico. Era a vida. Trabalha!

E, maravilhado, dilatando os olhos e lançando-os livremente pelas aveludadas relvas, pelas frondosas copas do arvoredado, pelas águas claras que fugiam e pelo céu alto, magnífico, de um azul forte, sem mancha de nuvem, tomou dos pincéis e, febrilmente, com enlevo, foi transportando a Natureza, tal qual a via ao ar livre, sem sentir o ardor cáustico do sol que lhe dourava a cabeça ardente. De quando em quando ouvia a voz animadora e simpática do velho mestre: "Trabalha!"

Ele não precisava que lhe dissessem - era com ânsia que ali estava, possuído, num delírio, como se receasse que a tarde viesse rápida e apagasse aquelas cores admiráveis que eram as galas da terra e as maravilhas do espaço. Ainda uma vez, porém, a sorte foi-lhe ingrata e adversa. Uma manhã, desolada manhã!

Os sinos dobraram de espaço a espaço, lúgubres, e, rápida, correu a notícia da morte do pintor.

Tinha em tão alta consideração o mestre que não se contentou com os ofícios fúnebres que celebraram em duas ou três igrejas, com órgão, mas, culturalmente, porque lhe faltava quem,

com resignação, se prestasse a ser vitimado com um golpe de faca, à maneira gaulesa, sobre a laje branca e fria do túmulo do artista, tomou dum metro de tela e, rebuscando na história do mundo um episódio que lhe fornecesse farta mortalha, achou a revolução francesa que, prodigamente, lhe cedeu a hóstia desejada.

Pôs-se então a pintar com abundância de vermelhão da China. Escolheu uma rua da velha Paris, apertada e sombria. As casas, altas, de quatro e cinco andares, desaparecem sob o acúmulo de mortos, porque há cadáveres até ao alto das goteiras. Aqui, os pés de um patriota; ali, a cabeça de uma criança; além o ventre estripado de uma mulher; e, saindo da hecatombe, hirtos como um fueiro, o braço de uma das vítimas ameaçando a tirania. O fundo do quadro oblativo, de perspectiva trágica, é um coágulo de sangue, expressão, em rubro, do anunciado *jour de gloire*.

O quadro tem gênio, o que o mata é o zarcão hemorrágico. É um necrotério. O autor tinha vinte anos e, nessa idade, quem faz questão de mais ou de menos mortos? Ele queria o grandioso e atirou à tela toda a população da França espatifada, a população da França e gente das colônias, porque há lá um pé, certamente da Martinica, muito em destaque no sarapatel heróico.

Exposto o quadro foi tão grande o espanto que a cidade ficou deserta como um cemitério e os mortos foram transferidos para o gabinete do artista, onde esperam o juízo final.

Por esse tempo andavam-lhe no cérebro umas idéias novas e um impulso novo levava-o a outros exercícios mais intelectuais que o do pincel. Em abandono desolado, sem o conforto do mestre, refugiou-se no seu gabinete donde, como um profeta vingador, vivendo em cenóbio para fugir aos vícios torpes do mundo e às seduções do pecado, mandava, em largas páginas, nervosamente escritas à luz serena da Moral, a terrível e fulminante "polêmica" contra os padres que, de batina arregaçada e solidéu relambório posto à banda, com ares devassos e desabridos de capadóciolos, iam anuviando as almas simples com pregações obscuras quando a quaresma fúnebre chegava, enchendo a cidade de melancolia e dum cheiro insípido de incenso.

A cleresia uivou e uivaram as classes conservadoras. O jovem demagogo era olhado com asco pela gente pacata e as velhas, se, por acaso, viam-no passar, caminho do jornal, que era o oráculo de onde ele anunciava os crimes dos intrujões de sotaina, que tocavam para o arrabalde, em noites claras, com mulhierio e vinhaça, bebendo e folgando até à hora em que o sol os devia trazer humildemente, santamente, aos confessionários, as boas velhas, se o viam passar, procuravam, trêmulas e aflitas, as contas dos seus rosários e pediam a graça de Deus para aquele espírito endemoniado.

A celeuma foi grande e redobrou de violência quando, inesperadamente, ele atirou ao meio pacato, como uma bomba, o seu primeiro romance, libelo formidável contra o preconceito. As famílias bradaram, o comércio rugiu, a cleresia esbravejou e um jornalista dos mais conspícuos, ferreteando-o com a viltade de "zote", conjurou-o a deixar "a vidinha peralvilha de escritor indo, de preferência, para a foice e o machado. Já que tanto amava a natureza e não acreditava na metafísica, nem respeitava a religião, tendo entusiasmo apenas pela saúde do corpo e pelo real sensível ou material, que se fosse a cultivar as terras ubérrimas". E clamava, terminando: "À lavoura, meu estúpido! À lavoura! Precisamos de braços e não de prosas em romances." E, conceituosamente, em rasgo de sabedoria, perorou: "*Res non verba*." E o jornal em que saíram estas palavras tinha, no cabeçalho, em grandes letras gordas, o preclaro e sugestivo título de: *Civilização*.

Apesar dos acirrados vitupérios da crítica e dos esconjuros indignados do beatério o livro teve saída: em menos de um mês esgotaram-se mil volumes e, na capital, um brado uníssono saudou triunfalmente o romancista que, desde então, não teve outro pensamento senão o de transportar-se ao Rio de Janeiro, com o produto da venda do seu livro maldito.

E fez-se de rumo para o Rio, a cidade ideal dos que têm na alma uma aspiração. E como ele a divisava através da fantasia! Uma cidade suntuosa, culta, intelectual e nobre, onde os artistas eram olhados com admiração e respeito, como em Florença, no tempo dos Médicis, quando, diante de Cosme, o Magnífico, Miguel Ângelo animava com o seu cinzel vital os mármoreos impassíveis e fazia irradiar a tela com a magnificência grandiosa das suas tintas.

Logo que saltou no cais com as malas e a tela sanguinolenta que recebera, para todos os efeitos, o título de *A Barricada*, sentiu grande peso no coração e os olhos foram-se-lhe saudosos pelo mar imenso. Vago pressentimento de infortúnio punha-lhe densas névoas na alma, mas a grande luz animava-o - reconhecia o céu, reconhecia o sol, eram os mesmos, que lhe importava o resto?

Se, por vezes, combalido, o seu espírito cedia à tristeza e ao desânimo, como a voz espectral do velho Hamlet, correndo subterrânea e soturna bradava aos de Elsenor: *Jurai!* Subia do fundo da sua memória a voz meiga e animadora do mestre: - Trabalha!

E foi o espírito amado que o apresentou. Não quis estrear com a pena, preferiu o lápis, e fez-se desenhista de um jornal ilustrado.

Mas a vida começou ingrata e árdua. Quantas noites de desalento! Quanta amargura! Quanta saudade! E, nem sequer o colo da velha mãe para repousar a cabeça, nem os seus beijos, nem os seus carinhos... De longe em longe, uma carta trazendo a bênção; e era só.

E se uma doença o prostrasse?! Quem havia de ficar à sua cabeceira como ela ficava, noites e noites, de olhos abertos, solícita e acariciante? Mas a voz do mestre levantava-lhe o ânimo:

- Trabalha!

Deixou o lápis, molhou a pena e, noites longas, num quarto pobre, que era como a gruta dos ventos, enchendo tiras e tiras, concluiu outro romance e, desde essa época, ora num alto sótão, ora ao rés do chão, suspendendo *A Barricada* a centenas de paredes, correu a cidade com as tintas secas na palheta, com os fios dos pincéis endurecidos, seguindo a grande Alma do povo nas suas ruidosas alegrias, nos seus inconsolados sofrimentos.

Entrava na oficina do operário, subia às pedreiras e, enquanto a broca ia furando o granito, sob a radiação vivíssima do sol, auscultava o coração do homem rude. Ia aos mercados, aos quartéis e, à noite, disfarçado, de blusa e tamancos, um gorro à cabeça, o cachimbo à boca, penetrava as estalagens confundindo-se com os que fervilham nesses formigueiros de almas; sentava-se à mesa das tavernas lóbregas, fazia-se das farândolas e assim, mergulhando nesses oceanos, trazia as pérolas que encravava nas páginas dos seus livros. Era essa a sua história. Anselmo, que ouvira extasiado, quando o romancista terminou disse, com inveja de todos aqueles sofrimentos:

- Sim, mas venceu! Hoje descansa e tem um nome glorioso. Ruy Vaz sorriu reacendendo o cachimbo e Anselmo, pondo-se de pé, exclamou:

- Pois eu agora é que vou começar a viver.

- Das letras?!

- Sim.

- Dize então, e dirás melhor e com mais acerto: vou começar a morrer.

- É possível, será um suicídio, mas não posso com o Direito. O *Corpus Juris* é o meu pesadelo. Tenho horror a tudo aquilo. O Oriente, o luminoso Oriente!... A Grécia com os seus deuses e com os seus heróis, a Índia com os seus mistérios. Isso sim! Sinto-me arrastado para essas idades. Amo o antigo e esse entranhado amor faz com que eu acredite na metempsicose. Eu fui grego, pelejei nas Termópilas...

- E apanhaste um golpe na cabeça que te levou uma aduela.

- Palavra de honra! Afirmou convencidamente o estudante e, assomado, pôs-se a discorrer e, enquanto referia episódios clássicos de Homero, de Hesíodo, de Xenofonte, Ruy Vaz, que lhe mirava os sapatos muito lustrosos, perguntou:

- Qual o teu número?

- Meu número? 128.

O romancista ergueu-se violentamente.

- Como?! 128...! Não são tão grandes os pés dos versos do Rodrigues. Falo do teu calçado.

- Ah! Pensei que se referia ao meu número de matrícula: 38.

- Trinta e oito. Então somos gêmeos. É também o meu. Levantou-se e, depois de lançar um novo olhar aos sapatos do estudante, convidou-o:

- Vamos! O sol começa a abrasar. E caminharam vagarosamente para o quarto onde o criado, como um ciclone, atirava furiosas vassouradas levantando uma nuvem de poeira.

Tiveram de esperar um instante ao ar. Logo, porém, que o criado deu por terminada a limpeza, entraram e Ruy Vaz foi ao lavatório fazer uma ligeira ablução e, enquanto mergulhava as mãos espalmadas, batendo na água com a volúpia de um cisne acalmado, o estudante, de cócoras, examinava as estantes passeando os olhos pelas lombadas dos livros, atirados ao acaso em mistura incongruente e confusa: a *Manon*, de Prévost, estava apertada entre decrépitos volumes de Helvécio e um massudo relatório do ministério do império; Homero, numa intangida brochura, tinha familiarmente ao lado um volumete: *Urzes e flores*, dum Mendes, de Araraquara, contemporâneo e piegas.

Era assim em todos os raios - a douta filosofia acotovelada pelo romantismo ridente; a religião com os seus mistérios da vida superior e as suas consoladoras promessas de eternidade e bemaventurança esbarrava com as duras palavras cétricas de Schopenhauer e de Hartmann, e Musset, meigo e amoroso, gasto do muito uso que dele havia feito toda uma geração de sentimentais, dormia sobre um atochado volume de *Annaes* da câmara dos deputados do ano de 1851.

- Tens alguma coisa urgente a fazer na cidade? - perguntou o romancista enxugando as mãos.

- Não. Por quê?

- É que eu preciso dos teus sapatos.

O pasmo do estudante não passou despercebido ao autor de *A Barricada*.

- Imagina a minha situação. Tenho um caso de amor, amor fino; o meu *lunch* de hoje vai ser um fruto proibido. É uma dama da *élite*: loura, de olhos azuis, uma cabecinha de Botticelli. Vive a bocejar entre os sessenta anos gelados e impertinentes do marido e a ferrenha catadura do avô reumático, que enche a casa de gemidos quando a não abala com os roncões. Esse lírio formoso espera-me hoje às 3 horas da tarde, enquanto o marido discute no Senado uma prudente medida de salvação nacional e o avô toma o seu choque elétrico. A ocasião é das mais favoráveis. Dá-se, porém, o caso grave de eu não ter, no momento, calçado idôneo. As mulheres têm o olhar curioso e essa então, que é pudica, no primeiro instante baixará os olhos e dará pelos meus sapatos, que começam a descambar em alpercatas. Tenho ali um par de botinas, mas apertam-me como credores, e tu compreendes que um homem que vai para tão arriscada fortuna deve ir preparado para todos os casos, principalmente para correr. Imagina que morre um senador e suspendem a sessão ou que, por excesso de umidade não funciona a máquina elétrica, como hei de eu, com os pés entalados, fugir à cólera do marido ou à fúria do avô? Um é bravio na oposição, deve ser tremendo em se tratando da honra doméstica; o avô foi revolucionário, viu muito sangue, e feroz. De mais, as minhas botinas (falo-te como a um irmão) têm um vício inveterado que me faz perder um tempo precioso sempre que delas me sirvo. Tenho os minutos contados, devo seguir diretamente, aladamente se possível for, para Laranjeiras e, se eu as puser nos pés, sei que vou ter à secretaria de Agricultura.

- Como?!

- É uma história. Empresta-me os sapatos e, às cinco, estou aqui com eles.

- Pois não. Mas a história...?

- Ah! Falando, Ruy Vaz, para não perder tempo, ia vestindo-se. A história é simples. Já pensei em escrevê-la com o título: *A psicologia das botas*. Há botinas de primeira mão, ou antes: de primeiro pé, e há botinas *sabidas*. *Sabido* é o calçado experiente que já serviu a outrem, e por velho, passou à tripeça do remendão que lhe pôs uma tomba e uma sola, vendendo-o por preço cômodo aos que vivem a esperar sapatos de defuntos. Não penses que te quero chamar defunto, nem contava hoje contigo. A felicidade vem sempre inesperadamente. As *sabidas* guardam os hábitos do primeiro dono. Se serviram a um militar forçam os pés ao ritmo da marcha; se foram de um amanuense levam-nos à secretaria e assim por diante; é macabro, mas é verdadeiro. Tive um par de botas que me arrastava sempre para as praias, para as casas de armas, para as farmácias, para os trilhos dos bondes. Preocupado com essa contumácia dei-me ao estudo do caso e convenci-me que o primeiro dono fora um desgraçado que tinha mania do suicídio. Essas que agora possuo foram, com certeza, na primeira encarnação, de algum empregado da secretaria de Agricultura. Os teus sapatos são novos?

- Comprei-os ontem.

- Ah! Então são puros, não estão ainda viciados. Vou com eles como se levasse nos pés as asas de Mercúrio. Dá-me-os. O estudante, meio desconfiado, tirou os sapatos e mergulhou os pés nas desbocadas chinelas do romancista. Rápido, Ruy Vaz calçou-os e pôs-se de pé radiante.

- Então, servem?

- Ora! Estou como no Paraíso! Não há como a gente ter o mesmo número e é maravilhosa a exatidão das matemáticas. Grande coisa o algarismo! Mas fez uma careta: - Diabo, o teu 38 é caixa baixa, tem pouca altura. Tens o pé muito seco, isto é mau. O pé é a base do homem, deve ser forte. Enfim... como o calor dilata os corpos e todo eu ardo em ansiedade... até logo! Tomou a bengala, acendeu um cigarro e estendeu a mão ao estudante:

- Olha, tens aí poetas e filósofos. Sobre a mesa há o volume de odes de um vate goiano, se quiseres dormir. O fumo está aqui nesta velha faiança. Até logo! Se vier alguém não estou em casa, podes mesmo dizer que fui para Petrópolis ou para São Paulo, embarca-me para onde quiseres. Até logo! Já à porta, voltou-se: Se queres fazer exercício de idílio apurando a ternura, das quatro em diante costuma aparecer a uma janela dos fundos daquela casa, que tem a parede blindada de zinco, uma menina ruiva, arrepiada, de olhos chorosos que se presta pacientemente a ouvir declamações: Vai lá para o banco da chácara. Franziu de novo o nariz, torcendo o pé: Diabo! Decididamente tens o pé muito seco... e isto está me incomodando deveras. Até logo, às cinco. E foi-se.

II

Anselmo ficou a meditar sobre a estranha *Psicologia das botas* e sobre o destino dos seus sapatos. Já os via penetrando, com discreção, a câmara da entediada e loura dama. Já os via afundados nos felpudos tapetes, já os via aconchegadinhos às sandálias bordadas da amorosa, falando-lhes em segredo, perto do leito, enquanto os donos...

Ah! O dono dos sapatos era ele e ali estava só, com duas velhíssimas chinelas nos pés, entre livros, diante de uma mesa carregada de papéis onde reluzia a pasta do escritor, bojuda e larga. Que havia de fazer para não sentir as horas lentas e caladas que iam passar? Tirou o casaco e o colete e, senhor da casa, sentiu uma pontinha de despeito, mas recompôs o espírito

alvorçado com um argumento fino e justo: "Sim, se lhe emprestei os sapatos ele confiou-me a casa que, se não vale pelos móveis, duma deplorável banalidade, muito merece pelo que há ali naquela pasta atochada, preciosa como um tesouro e por aquela soberba *Barricada* que, se agora as aranhas profanam, mais tarde há de ser disputada com o mesmo furor artístico com que hoje os milionários se batem a moedas por um palmo de tela da Renascença." Sentou-se à mesa, tomou um volume, abriu-o ao acaso, e leu:

*Une nuit que j'étais près d'une affreuse Juive,
Comme ou long d'un cadavre, un cadavre étendu,
Je me pris à songer...*

Eram versos de Baudelaire. Apesar de os conhecer, deixou-se levar por eles, embalado no ritmo das estrofes, seduzido pela sonoridade das rimas, mas, de quando em quando, desviava-se-lhe o espírito: a transcendente *Psicologia das botas* perseguia-o e os seus sapatos como que lhe passavam por diante dos olhos animados, fugindo numa névoa para a câmara cheirosa de uma mulher loura, que surgia dentre sedas e linhos, esplêndida de graça e nua como a Vênus quando nasceu do mar, enrolada em rendas de espumas, à luz do sol da Hélade divina.

Levantou-se bocejando e, mole, sob o influxo dormente do silêncio e do sol que espalhava um suave narcótico no ar, atirou-se à cama com o Baudelaire e leu até que o livro aberto lhe caiu sobre o peito e os olhos se lhe fecharam languidamente.

Que horas seriam quando despertou? Vinha perto a noite. A brisa era fresca, a luz era branda. Sons de flauta passavam no ar. Seria o rouxinol? Não, não era o rouxinol nem era a cotovia, mas um vizinho melômano que soprava o tubo. Ergueu-se, foi lavar o rosto e, revendo-se ao espelho, lançou à própria imagem esta interrogação preocupada: "Por onde andarão os meus sapatos?" Escurecia. Começava a entediar-se quando bateram à porta discretamente.

- Quem é?

- Sou eu, disse alguém com preguiçoso vagar. Foi à porta, entreabriu-a e distinguiu um vulto imenso de mulher. Como lera a *Géante*, de Baudelaire, atribuiu a aparição daquela monstruosidade à sugestão da leitura. Mas a aparição movia-se, coçava o queixo e falou:

- Sinhá mandô sabê vosmicê cum passô e si vai lá...

- Sinhá! Quem seria a solícita criatura?! Alguma formosa mulher, sem dúvida; talvez a musa reinante do romancista. E que lhe havia de mandar dizer?

- Olha, dize-lhe que estou passando mal. Torci um pé justamente quando me vestia para ir jantar. Como vai ela?

- Ela tá boa. Então vosmicê não vai?

- Não posso. Dize-lhe que estou impossibilitado de sair.

- Sim, sinhô. E a imensa mulher moveu-se na sombra pesadamente e foi-se. Quem será?! - pensou de novo Anselmo olhando tristemente para os pés, como um pavão. Sinhá!?..

Mas... por onde andarão os meus sapatos!? E, conjeturando, debruçou-se à janela, já aflito, vendo chegar a treva sem que, ao menos, tivesse à mão, para alumiar o aposento, uma reles candeia. Como, porém, o almanaque anunciava para a noite seguinte lua cheia contava com a presença clara do astro.

Efetivamente uma luz pálida foi-se desdobrando e branqueando os muros, entrou pela janela, foi até ao fundo do quarto pondo uma fronha alvíssima no travesseiro do leito e uma piedosa mortalha sobre os mortos de *A Barricada*. O corredor cimentado ficou mais branco que o mármore e os grilos, enlevados, cantaram nas frinchas dos muros enquanto os morcegos, trissando, passavam no ar sossegado que os jasmims abertos perfumavam.

Anselmo começava a sentir as exigências do estômago, o ventre tirânico mandava-lhe recados ao cérebro.

- Acordou a jibóia! disse, como se falasse à lua. Efetivamente a jibóia acordara e a tempo, valha a verdade, visto como o primeiro repasto fora às onze da manhã e, como era verão, dos dias longos, era justo que, a horas tão adiantadas da tarde, tendo digerido, ela reclamasse nova ração. Mas como havia ele de acudir à fome se não se podia mobilizar preso, como estava, pelos pés?

Entrou em cólera surda investivando o romancista e ia já transpondo o terreno vil da injúria quando ouviu passos arrastados e reconheceu a alentada mulher, que vinha, de novo, pelo corredor, anunciada por alegre retinir de louças, precedida de suave aroma de guisados, mais grato que o dos jasmims abertos.

Era ela, a desconforme criatura, e trazia uma bandeja coberta por uma toalha alva como o luar. Deu com ele à janela e, sem falar, sorrindo, passou a porta e depôs sobre a bojuda pasta a abastecida bandeja.

- Sinhá mandô dizê qui vosmicê não arrepare... Mas cumu vosmicê disse qui não podia sahi móde o seu pé...

- Oh! fez ele descobrindo, com veneração, a bandeja, é muito amável. Sim, era amável a misteriosa dama e devia ter um cozinheiro perito.

A sopa era dourada e rescendia. Por certo lá ao alto, no luminoso e calmo espaço, todo cheio do esplendor do astro, chegou o perfume porque a lua, dividida em partículas como uma hóstia, veio boiar nos olhos que cintilavam, como ardências, sobre a superfície da sopa tão dignamente contida em uma tigela de porcelana da China. Havia uma fritada, um triângulo fofo e louro, incrustado de camarões, tendo no vértice uma gorda azeitona de Elvas; um prato de cabidela, fatias sangrentas de *roast-beef*, entre folhas tenras de alface, ladeadas por duas lascas de fiambre de uma cor de rosa macia; pão, vinho, dois damascos em calda, num pires, e uma grossa talhada de queijo.

A jibóia torcia-se com ânsia, atirando botes como se quisesse abocanhar de uma vez tudo quanto havia. O aroma punha-a em desespero inenarrável. Mas Anselmo como que se comprazia com o suplício da besta íntima, sorvendo voluptuosamente o perfume dos pratos e regalando os olhos com aspecto sedutor das iguarias.

Ó ciência difícil dos temperos! Ó arte sutil da ornamentação dos pratos. Um *roast-beef*, sem o recamo da alface, é como a mulher sem meias. Que delícia! Quem diria que ele havia de sair do leito para aquele delicado festim: *De cubiculo recta in triclinium ire!* Assim dizia Anselmo no coração enquanto a boca ia-se-lhe enchendo d'água.

A lua foi a companheira que teve, alegre e sóbria companheira, e a mulher, sentada pacientemente à porta, pôs-se a sussurrar um canto enternecido em que falava de amores, enquanto ele sorvia a colheradas a sopa que era um delicado polme de ervilhas sabiamente temperado, com leve sabor de paio e uns longes suaves de cravo-da-índia, Depois foi a fritada, depois a galinha e só ficaram na bandeja migas de pão, ossos de frango, um caroço de azeitona, dois de damascos, a casca recurva e roxa do queijo e palitos, o mais passou sofregamente ao bojo da jibóia que se enroscou de novo para digerir sossegada.

Só faltava o café, o café e a dama que bem merecia uma página de Arte, uma longa e rendilhada apologia, não dos seus dotes plásticos e de espírito, mas do seu fino paladar, tão nobremente recomendado por aqueles pratos rescendentes. Mas para o cozinheiro, como para o anfitrião, vale mais que todas as palavras, que podem não ser sinceras, a prova irrefutável dos ossos esburgados.

Sim, um elogio rasgado diz menos, e com menor expressão, do que quatro ossinhos lisos, chuchurreados, no meio do prato raspado. Pensou em atirar ao corredor os restos do banquete, mas não: queria que a generosa dama e o sábio cozinheiro vissem, com orgulho, que tudo havia comido, com escrupulosa gana, não deixando senão o que de todo lhe fora impossível engolir, como ossos e caroços. Esgotou a garrafa e, saciado, num bom humor de fartura, foi rebuscar no colete uns níqueis e deu-os à estupenda mulher que, à luz branda do luar, parecia menos aterradora e pesada. Oh! a delícia da saciedade!

- Deus lhe pague!

- Pede-lhe antes que me traga os sapatos. A mulher não entendeu e, guardando as moedas cautelosamente no seio, que era um outeiro em volume, tomou a bandeja e foi-se levando os ossos e novecentos réis. Anselmo acendeu um cigarro e debruçou-se à janela, enlevado na beleza da noite e, com os olhos no céu, pôs-se a recitar baixinho:

*Le mal dont j'ai souffert s'est enfui comme un rêve,
Je n'en puis comparer le lointain souvenir
Qu'à ces brouillards légers que l'aurore soulève
Et qu'avec la rosés on voit s'évanouir.*

Era a primeira estrofe da "Noite de Outubro" de Musset e ia aos versos da Musa:

Qu'aviez-vous donc, o mon poète!

quando Ruy Vaz apareceu no corredor. Anselmo sentiu a alma dilatar-se.

- Fui além da hora. Ah! meu amigo, se não fosse lembrar-me que estavas aqui descalço teria passado a noite a desfolhar malmequeres. Esplêndida criatura! Atirou o chapéu sobre a mesa e respirou desafogadamente, Divina mulher! E tu? Como te foste? Leste as odes?

- Não: reli Baudelaire, dormi até a noitinha e, como estava com o estômago em condições de Deus poder reproduzir o milagre da criação do mundo, fiz de Elias aceitando um jantar que me caiu do céu.

- Eis aí um hotel que ainda não me forneceu pensão. Mas sem frase: - Onde jantaste?

- Aqui. O luar foi a toalha; jantei sobre a tua mesa de trabalho.

- Mandaste vir de algum hotel?

- Não. Apareceu-me a Providência, não como ao profeta sob a forma de um corvo - mas disfarçada em exuberante mulata...

- Vê lá! Não tenha o demônio armado uma cilada ao teu estômago. Também a Santo Antão foi servida uma mesa lauta e todavia...

- Não, a mulata veio em nome de uma misteriosa mulher saber se aparecias hoje.

- Uma mulata monstro?! Uma mulata em dois volumes?! a Januária! A Januária da Elvira! exclamou o romancista.

- Não sei; eu tinha fome e não tinha sapatos.

- E pediste jantar...?

- Não; nada pediste. Digo assim porque a mulata tomou-me por ti, no escuro; disse apenas que não contasse contigo porque, havendo torcido um pé, estavas impossibilitado de sair. Devo o jantar à sagacidade da mulata. Retirou-se tornando, pouco depois, com uma bandeja opípara. Entendi que não te ficava bem fazer cara a tão saborosos e perfumados pratos e tratei-os com a deferência de que eram dignos.

- Essa agora!

- Estás preocupado...?

- Com razão. Essa mulher, essa nefanda Elvira, é uma pérfida; traiu-me e com o meu alfaiate e eu tinha jurado cortar de uma vez para sempre o fio que nos ligava e agora...

- Acho que fazes mal. Uma mulher que janta como essa deve ser excelente *menagère*. Não a conheço senão através da sua cozinha; não sei se é loura, se é morena, se tem os olhos pretos ou garços, juro, porém, que tem em casa um admirável cozinheiro.

- Um coração volúvel como uma nota de mil réis. Enfim, o mal está feito; não quero interromper a tua digestão... e está aberto o precedente para os dias nefastos. Começas bem, não há dúvida. Outros andam atrás de jantares e a ti vêm os jantares, e com sobremesa. Hás de dar-me o segredo do teu talismã. Podes ir longe, principalmente se subires mais um ponto no calçado; tens o pé demasiadamente seco, é um Ceará. Devolvo-te os sapatos. Anselmo calçou-os imediatamente e, vendo que o romancista procurava alguma coisa debaixo da cama, riscou um fósforo.

- Obrigado. Cá estão eles. Arrastou um par de veneráveis botinas, nas quais os pés desapareceram como por encanto e respirou. O bom filho à casa torna. Não há nada como a liberdade. Como me sinto bem na largueza... Nem parece que estou calçado.

Anselmo vestiu-se e, vendo que o romancista passava a escova nos cabelos e retorcia os bigodes, perguntou:

- Vais sair?

- Vou ao Sant'Anna. Tenho lá uma peça, quero ver se o Heller resolve alguma coisa. Por que não vens? Está uma noite linda e fresca.

- Posso ir.

- Então vamos. Estamos na hora e tenho ainda de passar no meu charuteiro para apanhar uns colarinhos. Fecharam a janela e a porta e saíram.

Foram seguindo devagar, à luz da noite, sob a carícia do ar, fino e tépido como um hálito humano.

O parque era uma extensa massa de verdura onde o luar punha reflexos de prata. As casas abertas recebiam a brisa e exalavam bafios quentes de forno. Passavam bondes apinhados, carros rodavam lentamente e os lampiões, em alas, estendiam reticências de ouro ao longo das ruas. Nos hotéis cheios havia um confuso rumor de vozes, tinidos de copos. Às mesas, de sórdidas toalhas, chalravam os trabalhadores, em mangas de camisa, os pés em grossos tamancos, soprando para o ar viciado densas baforadas de fumo. Era a gente sadia e forte da labuta brutal: homens de bíceps hercúleos, abaçanados das soalheiras, que repousavam estirando as pernas depois de bem repastados; eram os colonos que se reuniam, como em ágape fraternal, recordando a pátria, com pilhérias fortes de mesa à mesa e grandes obscenidades que faziam estourar gargalhadas.

Os caixeiros iam dum a outro com o parati, diziam a sua chalaça e, como havia intimidade entre esses homens, a pretexto de pândega, trocavam-se murros, mas ninguém se revoltava - era um divertimento heróico como de leões que, depois de haverem esartejado a presa, a golpes de garras, nas clareiras desertas, perto das límpidas águas, rugindo, rolando, com as fauces rubras de sangue, brincam amigamente enquanto as fêmeas fartas, deitadas de flanco, os olhos semicerrados, deixam-se sugar pelos cachorrinhos.

Mais adiante, à porta de uma taverna, castanhas estalavam ao fogo e, junto ao balcão, sentado numa saca, um *lazzarone*, o cachimbo nos beiços, ia tirando da sanfona os sons da *Mandolinata*. O rumor crescia confuso: apitos de bondes, gargalhadas, estouros de garrafas, rodar pesado de carroções que se recolhiam e, no alto, sempre a paz maravilhosa da noite estrelada.

Quando chegaram ao largo do Rocio, Anselmo fez uma observação sutil citando Heródoto. Em Babilônia havia, ao menos, um subúrbio sagrado onde avultava, entre cedros e loureiros, o templo de Mylitta, ainda assim o historiador clama contra a vergonha Que diria ele se, revivendo, viesse, tantos séculos depois, olhar a prostituição que aqui transborda e vai invadindo, como um vírus, todas as artérias da cidade? Lá, ela estava confinada, aqui expandiu-se - é um polvo que lança os tentáculos a toda parte. Não há uma rua em que se não encontre a aranha emboscada na sua teia.

- Estás moralista, disse Ruy Vaz, sorrindo. As mulheres, debruçadas às janelas, entre as cortinas, algaraviavam. O olhar, penetrando, dava imediatamente com os leitos muito lisos, muito alvos, ao fundo dos quartos entreabertos e iluminados. Não contentes com a exposição dos corpos ainda chamavam os transeuntes, atiravam-lhes botes e era em toda a ala, nos pavimentos térreos e nos sobrados, um rinchavelhar devasso de centenas de criaturas e aquilo lembrava uma cena de mercado oriental onde acudiam piratas levando mulheres de todos os países, expondo-as nuas, apregoando-lhes a beleza, obrigando-as a falar, a cantar para que os azevieiros, que as andavam examinando, não só lhes vissem as formas sensuais, como também lhes ouvissem o timbre fresco e cantante da voz.

Umam fumavam; outras, já velhas, encarquilhadas, tristonhas, recaídas sobre o umbral, com a cabeça derreada, os olhos no céu, pareciam enlevadas e maquinalmente chamavam os que passavam perto, estendiam com vagar a mão, mas logo quedavam vendo-se desatendidas e baixinho, de novo elevando os olhos, repunham-se a cantar.

Pensavam, talvez, na pátria que haviam deixado, iludidas pela falácia do rufião. Pensavam nas suas pobres cabanas, nas aldeias geladas... Reviam-se na infância, levando o gado aos montes ou seguindo com a foicinha o bando dos ceifeiros para os campos de trigo ou de feno, nos dias alegres do outono. Pensavam nas noites tristes de bravio inverno, noites de vento e de neve quando, junto à brasa viva da lareira, os seus velhos parentes falavam da miséria pedindo a Deus um dia, ao menos, de sol para que os pequenos pudessem ir à orla da floresta recolher um pouco de lenha, que não havia para mais de uma noite e, quando a não houvesse, que seria deles, pobres velhos! E que seria das míseras crianças!

Pensavam e o peito subia-lhes em arfar angustioso... É que haviam visto, muito longe, alguém, alguém que, quando virgens, tanta vez saíram a esperar numa volta do caminho, quando o sino soava a hora crepuscular; alguém a quem haviam jurado amor e a quem haviam traído deixando-o pelas promessas enganosas do homem que as fora arrancar, para sempre, à felicidade e à honra.

Ah! mas era preciso viver... Gente passava. "Vem cá! Olha..." diziam molemente as desgraçadas com leve tremor na voz.

Outra, sentada numa cadeira de balanço, cochilava e, pela janela entreaberta de uma casa, Anselmo viu, não sem espanto, outra, em camisa, braços nus, pernas nuas, indo e vindo disfarçadamente, a abanar-se.

- Que cinismo...! Rapazes paravam às portas, chalaceavam e, de repente, fugiam a rir perseguidos por uma saraivada de impropérios e, como há uma forte solidariedade entre essas mercenárias, de janela a janela a indignação corria e todas, enfurecidas, injuriavam os que haviam, por troça, irritado a companhia que ainda esbravejava indignada, ao longe.

E vagaroso, os braços para as costas, o cigarro nos beiços, o soldado da ronda passeava sem dar atenção à balbúrdia, surdo às obscenidades que explodiam ao longo daquela feira torpe. Ruy Vaz parecia indiferente a tudo. Ia de olhos baixos, sem dar atenção aos reclamos indecorosos que lhe atiravam as mulheres.

- Isto aqui, meu amigo, é mais perigoso do que o caminho que levava ao sítio encantado onde havia a árvore que cantava, o pássaro que falava e a água amarela. Deve-se passar por esta calçada com os ouvidos atochados de algodão para que nos não suceda o que sucedeu aos irmãos da princesa Parizada, que foram transformados em pedra.

- Não é preciso recorrer às *Mil e uma noites* para buscar um modelo de energia. Temos aqui a polícia, mais indiferente aos escândalos do que Ulysses à voz das sereias ou do que a tal princesa ao clamor das pedras.

Espera aqui um instante. Haviam parado diante de um charuteiro. Ruy Vaz entrou deixando Anselmo à porta. O estudante lançou os olhos pela praça. Duas filas de tálburis reluziam à fulguração do luar. Sons de música vinham de longe, em ondulações, ora brandas, ora fortes, conforme as variações da brisa. Cocheiros discutiam na calçada; passavam famílias à pressa, caminho dos teatros. Quando Ruy Vaz saiu com um embrulhinho, Anselmo estava distraído, de olhos perdidos, cantarolando.

- Vamos?

- Vamos. Seguiram para a rua do Espírito Santo, iluminada pelas grandes rosáceas dos teatros. Ao fundo o Recreio resplandecia como a entrada de um templo. Um homem esgoelava-se anunciando "empadinhas de camarão!" e os cambistas assaltavam os que apareciam oferecendo bilhetes, garantindo que na casa não havia número que prestasse.

À porta do Sant'Anna uma multidão apertava-se. Discutia-se e os cambistas investiam como pobres em adro de igreja, empurravam-se, injuriavam-se. Anselmo deteve-se um momento diante do bilheteiro; Ruy Vaz, porém, tomou-o pelo braço:

- Não, vem comigo; não precisas bilhete. Vamos.

O estudante sentiu uma pancada forte no coração àquela frase "Não precisas bilhete..." e admirou o romancista. Grande influência do homem! Diante dele, a um gesto breve da sua mão, abriam-se todas as portas, mesmo as dos teatros tão avaramente guardadas. Grande homem! Pudessem ele fazer o mesmo! Entrava gente, aos apertões: senhoras pelo braço dos maridos, sorrindo, com ânsia de se aboletarem, receosas de que já houvesse começado o espetáculo.

Quando Ruy Vaz se adiantou, muito grave, Anselmo coseu-se com ele e, apesar da confiança que depositava no prestígio do grande homem, pálido, temia ser repellido pelos dois céberos - um ruivo, de pêra, outro velho, gordo, de óculos, que espiava atentamente quantos entravam acumulando os bilhetes na perna gorda.

O romancista fez o estudante passar à frente e, como o ruivo fizesse um gesto como a pedir o bilhete, ele tocou-lhe com familiaridade o ombro dizendo apenas:

- Vem comigo. Tanto bastou para que o deixassem passar. Poderoso *Sésamo!* Vem comigo! Tão simples palavras faziam com que se acomodassem os exigentes porteiros, tão severos em questões de entradas e de senhas. Ao ver-se no pátio do teatro, Anselmo sentiu a alma dilatada como se houvesse saído de uma prisão e respirou desafogadamente.

- Agora sim...

- Que é?

- Pensei que os homens opusessem alguma dúvida.

- Comigo! exclamou orgulhosamente o romancista. Ora qual! Caminharam e, como enfrentassem com o tablado coberto onde, em torno das mesas, uma multidão alegre fervilhava, um rapaz moreno, de *pince-nez*, pondo-se de pé com o chapéu levantado acima da cabeça, a toda altura do braço, disse solenemente:

- Saúdo a literatura indígena! e avançando, encolhido e curvado, pôs-se a estalar sonoramente com a língua no palatino; depois, enristando a bengala, deu uma volta nos calcanhares mostrando a multidão que o cercava e, em voz cheia de desprezo, bramiu:

- Vou começar a catequese noturna dos tupinambás. Sou o missionário do espírito, o Anchieta desta taba! E, de novo, fez estrondar a língua atirando uma bengalada a uma das mesas:

- Garçom! Uma Einbeck... vamos! E hirto, o sobreceño carregado, fitou os olhos no caixeiro, rugindo.

Ruy Vaz dirigiu-se ao moreno e, vendo que Anselmo guardava atitude reservada, interrogou-o como em segredo:

- Não conheces o Neiva?

- De nome, há muito tempo!

O romancista fê-lo avançar e apresentou-o:

- Anselmo Ribas... Paulo Neiva. Os dois rapazes trocaram um aperto de mão e o moreno ofereceu um lugar à mesa que ocupava, onde outros bebiam entre nuvens de fumo. Ruy Vaz era íntimo de todos e o Neiva foi apresentando o estudante:

Isto aqui é uma sucursal do Parnaso, com uma dependência mais lucrativa: a carne seca, dignamente representada pelo nosso correto amigo Victorino Motta, o bem-aventurado.

Um gigante, nédio e rubro, com um ventre quase esférico, sorriu estendendo a mão, gorda e mole como a luva de um esgrimista. O Duarte, rapazinho magro, pálido, com um ricto que lhe dava à fisionomia uma expressão hilariante; o Lins, baixinho, muito moreno, olhos apertados e oblíquos como os dum chim, bigode negro e ralo escorrendo-lhe pelos cantos da boca. Sentaram-se. Ruy Vaz, a pretexto de ir falar ao Heller, pediu um minuto e desapareceu na multidão. O Neiva, irrequieto, lançava os olhos um e para outro lado, desfechando sátiras, analisando os que passavam, à pressa. A campainha retiniu e o povo precipitou-se para o recinto ficando apenas alguns rapazes à mesa, entre *cocottes*, derriçando.

- Sabe ler? - perguntou abruptamente o Neiva dirigindo-se a Anselmo, enquanto o garçom ia enchendo os copos com a cerveja que o Motta mandara vir. O estudante sorriu vexado.

- Coragem, meu amigo! - bradou o Neiva; há vergonhas maiores. É poeta, aposto?! Antigamente era a lira o símbolo dos poetas, agora é o *pince-nez*... Que gênero?

- Ensaio-me na prosa, disse timidamente Anselmo. O Neiva ergueu-se violentamente como impelido por uma mola e encarou-o:

- E tenciona viver das letras? - perguntou assombrado. O estudante encolheu os ombros com resignação e o outro irrompeu: - Pois meu amigo, aceite os meus pêsames. E, inclinando-se, rugiu ao ouvido de Anselmo: - Cure-se! Não vá para um convento, vá para o hospício. Cure-se enquanto é tempo. Neste país viçoso a mania das letras é perigosa e fatal. Quem sabe sintaxe aqui é como quem tem lepra. Cure-se! Isto é um país de cretinos, de cretinos! Convença-se. É a Frígia do tempo de Midas: só vence quem tem orelhas. Olhe, se eu me debruçasse a um dos camarotes desta barraca e bradasse: "Que se conservem neste recinto os que sabem gramática", o teatro ficava vazio. Letras, só as de câmbio, convença-se. Olhe, temos aqui um exemplo. Estão conosco dois poetas e um *carne seca*, compare-os! Os poetas são lívidos, o *carne seca*, tressua ádipe e saúde. Por que? Porque o *carne seca*, que é aqui o nosso amigo Motta, tem todos os regalos: come como uma traça, bebe como um abismo, dorme como a Justiça e gasta como o diabo que o carregue! Ah! meu amigo, para temperar a vida, que é um prato difícil, não bastam os louros da glória. Olhe o nosso Motta: é o leão e nós? Somos os chacais.

- Sim, mas somos as lâmpadas.

- Lâmpadas!? Candieiros ignóbeis, ainda assim o azeite é o nosso oleoso Motta. Tornou a Anselmo: Moço, empregue-se; vá para o comércio. A carne seca é a base da riqueza das nações. Não se fie em períodos, mande à fava o estilo e atire-se, de faca em punho, às malas de carne seca se quer engordar, se quer ter consideração neste país. Um pai de juízo não deve mandar o filho ao colégio: a carta do ABC é subversiva. Para o armazém, para os tamancos! Olhe o nosso Motta: assina de cruz e tem mais de trezentas apólices, não sei quantos prédios, dois armazéns, três comendas, mais de vinte amantes e uma pança que é o hemisfério da fartura. O Motta sorriu. Empregue-se!... Mas avançou empertigado, com o chapéu erguido: Vive la France! Passava uma rapariga loura e esbelta. Dando com o Neiva acenou graciosamente com o leque e ele, numa voz formidável, rouquejou:

- Avez-vous lu Manon Lescaut, madame?

- Non, j'connais pas d'bêtises, disse a cocotte e ele, tornando à mesa, tomou o copo e sussurrou: - É verdade, ninguém se conhece.

A orquestra atacou a abertura. O Motta, esbaforido, pediu licença e levantou-se. O tablado ficou deserto. Apenas um velho cabisbaixo, trincando um charuto, ia e vinha lentamente. ao longo da passagem. O Lins, porque estava entorpecido, levantou-se para dar um giro e foi arrastando uma perna entrevada, batendo com a bengala. Os três deixaram-se estar e, como o Neiva soubesse que Anselmo era do Norte, suspirou saudoso lembrando-se do seu Ceará, o seu amado Ceará, dos verdes mares bravios.

- Ah! meu amigo, quando me lembro da minha terra dói-me o coração. Isto aqui é vasto e tem mais civilização, mas não vale o nosso Norte, não vale! As nossas noites, as nossas florestas, o encanto daquela vida que tem ainda um vago sabor paradisíaco, a simplicidade daqueles costumes! E suspirou: - Sou um homem ao mar! Soçobrou a galera do meu futuro e aqui ando a braçadas aflitas do oceano da imbecilidade a ver se consigo alcançar algum porto. As velas que vejo são como esta urca que daqui zarpuu, o Motta: dão-me um pouco de repouso, mas logo abandonam-me e lá vou eu nadando, nadando até que me sorva uma vaga mais forte. Sou um homem ao mar! E, depois de um trago, concluiu com desalento: - De mais a mais tenho uma rêmora que me tolhe os movimentos, é o coração.

- O senhor esteve na Faculdade de Medicina? - perguntou Anselmo.

- Sim, estive. Saí da vida, não pela porta da morte, senão da própria vida: foi o parto a minha morte. Morri de parto. Anselmo pasmou e o Neiva, muito calmo, disse:

- Vai ver. O meu lente, porque me não via com bons olhos, entendeu que me devia argüir sobre a obstetrícia inteira apresentando-me todas as dificuldades que podem surgir a um parteiro no momento complicado. Enquanto pude fui resolvendo: faria isto, faria aquilo, etc.... Veio, porém um caso tão intrincado que estive a propor a laparotomia, mas tive uma inspiração, feliz e lisonjeira para o lente: disse: "Num caso desses eu mandava, a toda pressa, chamar V.Exa...." O homem zangou-se; fui reprovado. Longe, porém, de entristecer-me, senti grande alívio na alma à idéia de que nunca concorreria para a desventura de um ser, trazendo-o a esta vida imbecil e insípida na qual só vencem os medíocres. Garçom, um fósforo! Está quente! E tenho ainda de ir ao Recreio encontrar a mulher amada. Estrugiu o coro da opereta e o Duarte, que o sabia de cor, pôs-se a cantarolar tamborilando na mesa. Iam caindo em melancolia, mas uma rapariguinha esguia e morena que entrara, vendo os rapazes, dirigiu-se para o tablado e, muito meiga, batendo de leve nas faces do Neiva. recriminou-o:

- Então é assim que você me esperou?

- Decididamente quando Eros nasceu a gramática ainda estava em substância informe. Passou-lhe o braço pela cinta e, com os olhos nela, disse: - Mas és tão bonita, minha cabocla, que os solecismos na tua boca parecem pérolas de estilo. Subitamente, carregando a fronte, em voz estentórica, simulando fúria:

- Diga-me, senhora... Quem era aquela montanha de suíças e óculos à cuja sombra gorda, a senhora ceava ontem no Bragança? Fale!

- Era um home, explicou dengosamente a rapariga, sentando-se.

- Um home... Deliciosa! E, inclinando-se, em tom infantil: - Dá beijoca a Neiva? Dá? Os lábios encontraram-se e o boêmio segredou a Anselmo, tocando na boca: - Já tenho um pretexto para ir amanhã ao escritório do Silva Araújo. Só então lembrou-se de apresentar a rapariga: - Olha, minha cabocla, apresento-te o meu amigo Anselmo Ribas, escritor. Vou logo dizendo a profissão para que não percas tempo com ele. Que vais tomar?

- Qualquer coisa.

- Não é bebida.

- Ora! escolhe você mesmo.

- Ah! queres que eu escolha? Atirou uma bengalada à mesa e trovejou:

- Garçom! Mercúrio para quatro! Houve uma estrepitosa gargalhada; a própria rapariga, que não compreendera o dito, riu, dando com o leque leve pancadinha no ombro do boêmio. O caixeiro serviu duas garrafas de cerveja.

Neiva bebeu sofregamente: tinha pressa, não podia deixar a mulher amada morrer de ansiedade no pátio do Recreio e despediu-se azafamado. A rapariga ergueu-se também.

- Até logo! Justamente terminava o ato numa explosão de palmas. O povo escoou para o jardim. Encheu-se o tablado e os caixeiros atropelavam-se, acudindo aos berros, às bengaladas que estalavam nas pequeninas mesas de ferro. Caíam bancos e, na passagem apinhada, cruzavam-se *cocottes* faceirando, respondendo aos galanteios com muito langor nos olhos e muitos requebros de quadris. Estouravam garrafas, subiam vozes confusas, entrecortadas de risos num zoar atordoador de colmeia atacada.

- Vamos dar uma volta? convidou o Duarte bocejando.

- Vamos; concordou Anselmo. E os dois levantaram-se caminhando molemente, acotovelando mulheres que tresandavam a essências. Mas a campainha ressoou de novo e começava o segundo ato, quando o Duarte, a tristurado, com a bengala às costas, depois de haver falado, com muitos suspiros, de um amor infeliz que o havia de levar ao suicídio ou a Fernando, pôs-se a recitar baixinho, enquanto, em lento andar, percorriam a passagem deserta e a multidão ria às escâncaras das pilhérias do Vasques, uma poesia cheia de luar e de rouxinóis, com um pastor triste e pastora arisca que eram ele a divina criatura que o trazia amofinado obrigando-o àquelas devassidões noturnas. Que tal?

Anselmo comparou-o a Musset.

- Ah! Musset! Musset!...

Vous qui volez là-bas, légères hirondelles...

Mass mastigou o verso imedito e, enternecido, de olhos no chão, cantarolou:

Bacalhau feito na brasa
Com cebola de Linhães,
Tudo se encontra na casa,
Na casa do Guimarães...

O estudante lançou ao poeta um olhar esgazeado.

- Que é isto?

- É o hino da bacalhoadada. Não conheces a casa do Guimarães? Bacalhau, vinho verde, papas à portuguesa, iscas e dispepsias?

- Não, não conheço.

- Ah! meu amigo, é o meu Lethes. Ali é que vou procurar esquecimento para as minhas mágoas. Aquela ingrata dá comigo em todas as tascas e pocilgas desta cidade. Estou ainda curando-me de uma indigestão que apanhei por causa dos olhos dela. Ah! O amor! O amor...

... feito na brasa
Com cebola de Linhães...

Mas Ruy Vaz apareceu brandindo a bengala, colérico.

- Decididamente é melhor ser calceteiro ou condutor de bonde do que homem de letras em um país como este.

- Que houve? - perguntou o Duarte.

- Ora! a minha peça. O senhor Heller entende que devo arranjar umas coplas e um jongo para a comédia. Uma comédia de costumes, que joga com cinco personagens... O homem quer, a todo transe, que venham negros à cena com maracás e tambores, dançar e cantar. Imaginem vocês: um antropologista puxando fieira e uma senhora, que vive a cuidar a sua árvore genealógica como quem cuida de uma roseira, que mostra, com enfundado orgulho, os retratos dos avós a quantos freqüentam a sua casa, a cortar jaca desabaladamente. É ignóbil! Revolta! E querem teatro...

- E tu?

- Eu! Não cedo uma linha! A peça já está em ensaios e há de ir como a escrevi: sem enxertos. Diz ele que o público não aceita uma peça serena, sem chirinola e saracoteios... Mas que tenho eu com o público? Cruzou os braços e, ferrenho, encarou o estudante como se ele fosse a representação do próprio público ignaro que exigia aquelas misérias. Não hei de estar a fazer concessões vergonhosas simplesmente porque o nosso público, saturado de vícios, entende que o teatro deve ser como um templo devasso. Isso não!

- Mas a peça cai, observou prudentemente o Duarte.

- Que caia! Que o diabo a leve para o fundo do porão, mas não cedo! Saíram os três. O romancista remoía a sua indignação e, como se precisasse do ar da noite sempre pura, numa necessidade de agitação, frenético, irascível, resmungando, propôs um passeio. O luar seduzia. Que belo seria poder ficar uma hora à beira-mar, lançando os olhos pela vastíssima planície, toda de prata e trêmula, sentindo a aragem salitrada, ouvindo as cantilenas dos que partiam nos barcos, ao sopro amável da brisa, desdobrando as redes! Ou, sob um caramanchel, em subúrbio tranqüilo, em plena natureza, ouvindo os grilos, ouvindo as rãs, ouvindo o gado, o murmúrio dum fio de água e o sussurro do arvoredo galvanizado pela claridade, fulgurando e cheirando. Que belo!

- Onde queres ir? - perguntou o Duarte afagando a idéia romântica de uma subida à Tijuca para verem, do alto, resplandecer a aurora.

- Sei lá! Pararam hesitantes em meio do largo. Tílburi moviam-se lentamente; de quando em quando um partia à disparada. A ronda passava vagarosa; os animais caminhavam como sonâmbulos, maquinalmente, a cabeça baixa e os soldados, derreados, iam como embebedos na luz magnífica que o astro branco vertia.

O S'adt Coblenz, a Maison Moderne, o *Caboclo* regurgitavam iluminados; às portas, grupos discutiam aos berros, agitando bengalas e, mais adiante, o Príncipe Imperial transbordava. O povo enchia o saguão e despejava-se amontoadamente espalhando-se em direções diferentes. E as luzes do frontão do teatro extinguiram-se subitamente ficando a rua em treva. Rodavam carros abertos; bondes enchiam-se e, de longe, vozes diferentes anunciavam com furor "Empadinhas de camarão".

- Mas para onde vamos? - perguntou de novo o Duarte. Não havemos de ficar aqui plantados, que isto até nos pode abalar a reputação.

- Pois sim! - murmurou o romancista lançando distraidamente os olhos para o monumento que avultava, muito negro, ao luar, com a imensa estátua dominando o largo. Anselmo aventurou, desejoso de fazer uma grande volta pela cidade àquela hora fresca e sossegada:

- Se tomássemos um bonde?

- Prefiro uma sopa, disse o romancista. Em vez de irmos à Tijuca vamos ali ao Coblenz que está mais à mão. Quando se tem o estômago vazio não há luar que valha um bife com batatas fritas. Vamos ao Coblenz! Mas o Duarte fez uma careta explicando: que não podia com a cozinha alemã; detestava aquela casa, mais os seus guisados. Não podia tomar ali um copo de cerveja sem lembrar-se de Sedan. Ó Alemanha cruel! Preferia a Maison Moderne que lhe dava a impressão de Paris. O romancista fitou-o:

- Quanto deves à Alemanha?

- Eu! - e espalmou a mão no peito. Uma miséria: creio que duas ceias e...

- E então por isso que não queres entrar?

- Não, mas o meu alfaiate costuma aparecer por ali. Aquilo é uma casa macabra: à noite é um cemitério, tantos são os cadáveres.

- Pois, meu amigo, estamos incompatibilizados. Tu não podes ir ao Coblenz porque ceaste duas vezes... e o teu alfaiate aparece, eu não posso ir à Maison por motivos idênticos. Como havemos de fazer?

- Separemo-nos.

- É com grande pena, mas não há remédio. Até amanhã.

- Até amanhã. E o Duarte estendeu a mão a Anselmo oferecendo-lhe a casa: - Moro em Botafogo para a estatística e outros efeitos sociais, mas resido à rua Teófilo Ottoni, no armazém de vinhos de meu pai. Quando quiser fazer de filoxera apareça por lá: há cama, mesa e cento e tantas pipas. Boa-noite! E foi-se recitando:

"Vous qui volez là-bas, légères hirondelles..."

- Agora nós, disse Ruy Vaz. Vamos ao Coblenz fazer um lastro. Dizem os médicos que, em tempo de epidemia, é um perigo andar-se com o estômago vazio e, como a febre grassa pavorosamente e eu tenho muito amor à vida e sou grande observador dos boletins higiênicos, vou trincar um bife. Não tenho fome, é como se fosse tomar uma cápsula de quinino.

Entraram e o romancista, sentando-se a uma das mesas, encomendou uma sopa a *l'oignon* e um bife à baiana e, enquanto preparavam os pratos, foi discorrendo:

- Grande é a incapacidade dos homens que nos dirigem. Se eles sabem que a febre amarela ataca de preferência os que têm o estômago vazio por que, em vez de andarem com fumigações, não estabelecem hotéis públicos, grandes hotéis profiláticos, nas praças, acabando, de vez, com essa ignomínia das farmácias? Não te parece?

- Sim, é lógico. Servido, pôs-se a tomar a sopa vagorosamente, saboreando, depois atirou-se ao bife e comia quando o Lins surgiu, muito risonho, arrastando a perna rija, a brandir a bengala:

- Isto acaba mal! - exclamou em voz engasgada que parecia vir do fundo do peito. Plantou-se diante da mesa e, rindo, com o rosto todo encarquilhado, repetiu: - Isto acaba mal! Anselmo ofereceu uma cadeira e o poeta, todo encolhido, perguntou:

- Pode-se pedir alguma coisa ou estamos em maré baixa?

- À vontade! - disse o estudante. Ruy Vaz, que ficara indeciso, com um pedaço de pão entre os dedos, trincou descansadamente, e o poeta, atirando uma palmada ao ombro do estudante, sempre a rir, meneando com a cabeça, elogiou-o:

- Tem muito talento! O caixeiro acudiu: Cerveja! esgoelou o Lins e atirando os braços para o ar: Muita cerveja! Eu hoje quero beber e, pungido, com uma grande expressão de dor: Estou muito triste. Imaginem vocês o meu gato! Fui encontrá-lo morto hoje de manhã. Um gatinho que era um encanto. Tão meigo que nem aos ratos fazia mal. Vocês não gostam de gatos? Rompeu a rir e, num berro atroador, atirando o busto sobre a mesa, estendendo os braços, encharcando as bordas do punho no molho do bife, repetiu a pergunta: - Vocês não gostam de gatos?

- Que é isso, Lins? - observou baixinho o romancista e o poeta, depois de o fitar espantado, olhou em volta dizendo:

- Que tem? Então eu não posso falar das minhas mágoas? Eu gosto muito dos animais. E furioso, tentando erguer-se, com o punho ameaçador, rugiu: - Perto de mim ninguém faz mal a um bicho, não admito! Agarro por uma perna e faço assim... Fez o gesto violento de quem torce e concluiu: - Ainda que seja... o imperador da China. Não admito! Mais calmo, porém, tornou ao assunto: - Então vocês não gostam de gatos? Miau! Miau! Chamfleury, Baudelaire, Gautier eram doidos por eles. Um angorá, hem?

- O teu era angorá? - perguntou Ruy Vaz.

- O meu? Qual nada! Era um gato muito ordinário que só me dava trabalho. Morreu! - disse juntando as mãos e elevando beatamente os olhos. Imaginem vocês... um gato que comia duas vezes ao dia. Ao ver a cerveja que o caixeiro trazia rompeu a rir apresentando o copo. Bebeu um gole e repetiu com os bigodes brancos de espuma: - Estou muito triste. Imaginem vocês: uma menina loura, muito loura, dona dos mais belos olhos azuis que tenho visto... uma figurinha de *keepsake*! Leonor, chama-se Leonor, imaginem vocês! Suspirou e sorveu novo trago. Hoje

estou disposto a beber, bebo tudo... Não gosto de conhaque, pois bebo! Mas imaginem vocês, os mais belos olhos azuis que tenho visto! Uma menina loura, loura! Atirou um murro à mesa:

- Ofereci-lhe em um soneto a minha mão de esposo. Sim, porque é uma mão de artista; espalmou a mão para que Anselmo examinasse; ofereci-lhe, porque ela é mulher para viver sobre sedas e veludos, cercada de todos os carinhos, ouvindo versos líricos. É uma mulher divina, digna de um de nós, de todos nós! Palavra de honra e... imaginem vocês. Sacudiu um gesto indignado: - Isto não é vida, isto não é sociedade! Ah! Paris! Paris..

- Mas a menina...? - perguntou Ruy Vaz. O poeta encarou o romancista sorrindo e, de repente, derreando a cabeça, batendo com a bengala:

- Ah! Sim; eu queria fazê-la feliz... Imaginem vocês, tenho talento, posso fazer uma mulher feliz. Não posso?

- Sim, podes, disse Ruy Vaz.

- Pois ela não quis: vai casar com um taverneiro. Isto não é vida! Eu ainda faço uma desgraça. Mais cerveja! - reclamou.

Quando saíram o Lins, sempre risonho e oscilando como um pêndulo, propôs um passeio ao campo. Gostava da natureza àquela hora silente, tão favorável à meditação. Iriam para o arvoredo, sonhar.

- Não achas melhor sonhar na cama? - perguntou Ruy Vaz.

- Qual cama! Detesto esse móvel. O sono é uma fraqueza indigna dos homens de espírito. O sono é o resultado de uma anemia cerebral e, para as anemias, os médicos aconselham os tônicos e os exercícios. Eu já tenho os tônicos, vamos agora à outra medicação. Um poeta não dorme; o poeta é vidente e o vidente deve estar sempre com os olhos abertos. Rompeu a rir, logo, porém, muito sério, atirando uma punhada que o levou, no ímpeto, de encontro à parede, rugiu: - Eu queria andar. À noite é que a gente caminha à vontade porque as ruas estão desertas. Detesto a multidão! - e cuspiu enojado. A multidão é ignóbil! Não há como a solidão para um homem de talento. Vamos a Niterói: há ali muita poesia e eu tenho ainda uns restos de 1632... podemos fazer a travessia.

- Tiraste a sorte grande? - perguntou Ruy Vaz.

- Eu?! Deus me livre! Saiu ao *Capitão Negro*. Eu escrevi os versos fazendo a apologia da sorte do quiosque. Ganhei vinte mil réis. Vocês não leram os versos na *Gazeta*? Estão bem bons para o preço. Há apenas uma rima pobre demais para um poema da fortuna; rimei, imaginem vocês, rimei estrela com vela. O e estrela não faz boa liga com o de vela, um é grave, outro é agudo, mas também, por vinte mil réis, não posso estar a escolher rimas milionárias. Mergulho a mão no saco e o que sai é magnífico. Demais vela e estrela dão luz, ambas são luminosas. A vela é a estrela da terra, a estrela é a vela do céu, disse com ênfase. Mas o diabo é que eu empreguei o verbo. Vamos ou não a Niterói?

- Eu não vou, disse Ruy Vaz. Anselmo declarou que sentia bastante não poder acompanhar o poeta, mas tinha grandes afazeres no dia seguinte, precisava acordar cedo.

- Gente fraca! - disse ele com desprezo. Pois eu vou. Boa-noite! E, muito desequilibrado, entrou na Maison Moderne. Ruy Vaz e Anselmo seguiram.

A cidade dormia. Começavam a varrer as ruas. Densa nuvem de poeira empanava o brilho dos lampiões e, dentro dessa bruma espessa, de um tom alourado, moviam-se homens cantando e atirando vassouradas: carroças rodavam parando de quando em quando. Raras mulheres, debruçadas às janelas, cochilavam. Tilburis passavam à disparada e os dois, em passos apressados, seguiam cosidos aos muros, com os lenços à boca. Apitos trilaram ao longe e, com estrépito sonoro, os soldados da ronda passaram a toda brida através da poeira como cavaleiros fantásticos. Vinham rapazes cantando em vozeirão atroador.

Livrando-se da poeirada, os dois moderaram o andar e Ruy Vaz, queixando-se da vida que levava naquela casa, onde mal podia trabalhar, à falta de conforto, quis saber onde morava o estudante. Estava provisoriamente em um cômodo, no Estácio de Sá, mas pretendia tomar todo o segundo andar de uma casa na rua Formosa, que lhe oferecera uma velha viúva por preço vantajoso, com pensão. O romancista deteve-se e, encarando o estudante, perguntou:

- Conheces os cômodos?

- Conheço: sala de frente com duas janelas para a rua e uma para o telhado, alcova, sala de jantar, outra alcova e um mirante sobre o telhado.

- E pensão?

- Sim, com pensão.

- Por quanto?

- Eu tratei para dois: duzentos mil réis.

- Isso é um achado! E se morássemos três? - aventurou o romancista.

- Posso falar à viúva.

- Para quê? Depois de lá estarmos fala-se: é questão de mais um talher à mesa. Tens mobília?

- Alguma.

- E o outro? Quem é?

- Um estudante de Medicina, meu amigo, primo deste Duarte.

- Um alto, magro, de olhos tristes: Toledo, creio.

- Esse mesmo.

- Conheço muito. ~ um excelente rapaz. Vamos viver magnificamente. Quando fazes a mudança?

- Vou amanhã falar à mulher e, depois de amanhã, pretendo estar instalado, mesmo porque ando com idéias de trabalho. Tenho uma peça pronta e um romance esboçado.

- Depois de amanhã que dia é?

- Sábado.

- Magnífico! Vai lá falar à mulher e depois de amanhã mudamo-nos. Vozes atroaram o silêncio e uma célebre trepidação de rebanho em marcha fez com que os rapazes parassem colando-se à parede e logo dois campeiros surgiram, a cavalo, estalando chicotes, cantarolando e, em seguida, uma boiada a trote, os animais muito juntos, em bolo, silenciosos. Os grandes chifres entrebatiam-se e homens atiravam os cavalos à calçada ou passavam por entre os mansos animais, bradando, como nos campos: "Ehôo!... toca! Junta... êeh!" E a manada seguia e perdeu-se na poeira dourada de onde apenas vinham os gritos dos guieiros.

- É o bife.

- Para onde vai isso?

- Para Niterói, creio eu. Um bêbado resmungava cambaleando, às guinadas. Ouviram tinidos de campainhas e uma tropa de burros desfilou, sacolejando seirões, a caminho do mercado.

Vou-me embora... Vou-me embora!
É mentira, não vou não...
Se eu vou m'embora, faceira,
Deixo aqui meu coração.

Cantava languidamente o tropeiro escarranchado na bestinha viajeira, puxando a récua.

- Pleno sertão.

- É verdade. No Campo estava um quiosque aberto; o romancista aproximou-se e, falando, com intimidade, ao homem, pediu uma vela. Encostados às grades do parque dois sujeitos discutiam

chuchurreando o café em canecas de louça e uma negra, andrajosa e trôpega, com o peito ossudo descoberto, vacilando tropeçar na barra enlameada do vestido, com a baba a escorrer-lhe da boca, ia de um a outro mastigando palavras, atirando gestos moles, risonha, de olhos quase fechados.

- Vamos?

- Vamos. Seguiram. À porta da casa o romancista despediu-se:

- Então até amanhã.

- Sim, até amanhã, no Cailtau, às três, para combinarmos.

- Ó diabo! - exclamou Ruy Vaz procurando e escarafunchando nos bolsos.

- Que é?

- Não comprei aldraba.

- Que aldraba?

- Uma bomba. É com uma bomba que bato à porta, porque o meu senhorio entende que devo recolher-me às oito da noite e ordena aos criados que me deixem ficar à porta até a hora d'alva, batendo. Com o estouro da bomba no saguão é pronto: acodem logo. Hoje já sei que vou ver a aurora. Até amanhã, ou antes: até logo.

- Até logo! E Anselmo ia seguindo quando ouviu estrondo formidável como de um desabamento; voltou-se assustado: Que é isso?

- Estou acordando o Cérbero. E, com uma grande pedra, o romancista batia fazendo estremecer o pesado portão. O estudante já ia longe e ainda ouvia as tremendas pancadas que ressoavam longamente no silêncio.

Cabisbaixo, cigarro à boca, Anselmo caminhava a passo, contente daquele triunfo. Abrira-se-lhe, enfim, a porta ebúrnea do ideal, ia entrar na ventura, na grande vida espiritual, entre artistas: poetas e prosadores, estatuários, músicos, pintores, a legião augusta dos que eternizam o sonho... Sombras andavam-lhe em torno - rapazes e raparigas, lá iam em surdo deslize, passavam, perdiam-se. Bem os conhecia, eram eles: Rodolfe, Marcel, Coline, Schaunard, ouvia o riso de Mimi, a tosse de Francine, o alarido alegre do café *Momus*. E seguia alheado do real, através do silêncio, raro em raro encontrando um soldado, um ébrio aos cambaleios ou retardatários que recolhiam sonolentos.

O luar, sempre branco, caía sobre os telhados e, quando ele chegou à casa, mergulhada numa grande paz de sono, subiu ao sótão, abriu largamente a janela e, alongando os olhos, pôs-se a contemplar as fitas de luzes que se estendiam como círios de uma procissão interminável que andasse pela cidade em penitência. Mas o sonho foi-se tornando maior, em grandioso crescendo: era a festa triunfal da sua vitória: a cidade esplendia, o céu irradiava. E, ouvindo o confuso rumor que chegava de longe, na aragem, como a ressonar da cidade imensa, dormindo sob o lençol do luar, parecia-lhe o marulho longínquo dos que vinham, com luzes, arrancá-lo daquela mansarda para a apoteose.

Galos cantaram. Lançou um último olhar à cidade e ao céu e recolheu-se. Embaixo, no silêncio da casa, um relógio lento bateu três horas.

III

Três dias depois já estavam instalados no segundo andar da casa da rua Formosa, com independência e ordem.

A sala, recebendo luz por duas largas janelas da frente e por uma outra que abria sobre o telhado vizinho, era clara e alegre, com um papel idílico reproduzindo, de alto a baixo, nas quatro faces, o encontro de amor de um pajem e de uma dama entre ramos de árvores sangüíneas, à beira de uma lagoa muito azul onde nadava um cisne, tudo isso sobre um fundo de campos perdidos com uma choupana e rebanhos. Era romântico.

Ruy Vaz e Anselmo tomaram a sala; Toledo, concentrado e casmurro, escolhendo a alcova recôndita da sala de jantar, arranjara, diante da cama esguia, a sua mesa de trabalho, sóbria e honesta, com os seus graves compêndios de Anatomia, vários ossos, um castiçal de louça, o tinteiro, o pote de fumo e, na parede caiada, muito juntos, os retratos do pai e da mãe encimados por uma gravura na qual se via Beethoven, de olhos extasiados, sonhando entre pautas e anjos com harpas e flautas, a face na mão, o cotovelo sobre o teclado de um órgão.

A sala tinha aspecto. As duas mesas, fronteiriças, um canapé, repousando sobre surrado tapete onde havia estampada uma cena de serralho, a estante alta, de Anselmo, atochada de livros, duas outras de Ruy Vaz numa desordem de brochuras de vários tamanhos, quatro cadeiras e, ao centro, larga e convidativa cadeira de balanço com estribo para os pés.

A Barricada teve o lugar de honra na parede entre dois originais preciosos representando um burgo-mestre e um pescador, telas que o romancista, com muito acatamento, atribuía a Rembrandt pelo tom obscuro que cercava as cabeças serenas dos flamengos. E um velho relógio acompanhava o trabalho com o seu tic-tac monótono, quando não caía em silêncio à falta de corda.

Falou-se em uma empanada para as janelas a fim de que a luz não entrasse tão vívida na sala, mas razões fortes de ordem econômica fizeram com que desistissem de tal idéia. Na alcova emparelhavam-se duas camas e, entre elas, o lavatório de vinhático, uma maravilha! Na sala de jantar a mesa de pinho solitária e lustrosa. À hora das refeições cada qual tomava a sua cadeira e levava-a de rastos pelo corredor, onde havia um socavão para jornais e ratos.

Dona Ana dirigia a casa ajudada pela filha: Vidinha, morena de dezessete anos, de olhos negros amendoados, cabelos fartos, sempre soltos, rolando pelos ombros até ao colo muito rijo, e pelas costas, chegando à cinta delgada; era a alegria da casa.

O Lins dava-lhe a alcunha expressiva de Míle. Cotovia, porque eram as suas gargalhadas que despertavam os rapazes.

Leonor, negrinha esgalgada, espevitada e zarelha, de colo murcho; órfã, trazida de um recolhimento e João, o filho mais novo da viúva, rapazelho sardento, muito obsceno de linguagem, que trazia a casa em constante alvoroço respondendo à mãe com insultos, atirando-se à irmã às dentadas, numa ferocidade canina, perseguindo a negrinha indecorosamente.

Às vezes traziam-no à casa ensangüentado e imundo das brigas que tivera na rua. Andava sempre armado com um velho canivete que escondia no papo da camisa e descalço, cigarro nos beiços, abalava em farândolas para as praças, para os morros, numa vida devassa e vadia.

Se a mãe o prendia ficava a fazer exercícios de capoeiragem no corredor, cantando dobrados, a gingar, como fazia à frente dos batalhões, com uma gíria sórdida e gestos desempenados. A velha, entanto, trazia a casa asseada. Ela própria, descalça, com as saias arregaçadas, os braços nus, esfregava o soalho; a negrinha, trepada em uma escada, lavava as vidraças. Vidinha cuidava da louça e trabalhava com disposição, contanto que, à tarde, à hora em que tirava os papalotes e vestia os seus casacos enfeitados, a mãe a deixasse debruçada à janela, muito lânguida e faceira, trocando sinais com um amanuense da vizinhança, moreno, de óculos, o rosto picado de bexigas. Tinha fama no quarteirão e, à noite, grupos de rapazes postavam-se na calçada fronteira e, escandalosamente, atiravam beijos, mas Vidinha, para não perder o amanuense, batia com a janela, numa indignação pudica e rompia em impropérios, às vezes atirava cusparadas desprezíveis, mandava o João correr à pedra os galanteadores ou chamava Dona Ana que surgia à sacada iracunda, mostrando vassouras, ameaçando desancar o bando, cobrindo-o de insultos vis e subia ao segundo andar, esbaforida e colérica, para pedir aos rapazes uma reclamação nos jornais contra aquela calaçaria para que um dia ela se não deitasse a perder, quebrando a pau a costela de um daqueles desavergonhados.

A vida entre os rapazes corria tranqüila e farta. As refeições, a tempo e abundantes, eram gabadas sem reserva pelos inquilinos do segundo andar. Terrinas imensas de sopa, pratarrazes de carne: o arroz sempre corado, subia num alguidar; o assado era uma posta solene e ainda verdejavam saladas e frutas. O café recendente era saboreado no mirante, à fresca.

Era Leonor quem servia à mesa muito delambida, fugindo aos beliscões, posto que andasse sempre a esfregar nos rapazes o seu corpo magro de efebo, tresandando à cozinha. Ao menor aceno, porém, ameaçava:

- Não brinca! Eu me queixo ao juiz de orfe... Veja lá... E saía, com uma pilha de pratos, chuchurreando muxoxos.

Podia-se trabalhar folgadoamente posto que, à distância de alguns passos, noite e dia, andassem locomotivas em manobra: trens que chegavam, trens que partiam e as velhas máquinas manobreadas, como cuidadosas donas de casa, indo e vindo, esbaforidas, dispendo os comboios que deviam subir para os subúrbios ou, em mais estirada corrida, para além das serras.

Carroções enormes, carregados, passavam pela rua rangendo, aos solavancos sobre as pedras mal dispostas; às vezes caíam em covas, as rodas chafurdavam, ficavam engasgadas nos buracos e os cocheiros, saltando das boléias, frenéticos, bradando, atiravam chicotadas aos animais que, sangrando, aos arrancos, tentavam safar o veículo sobrecarregado enquanto homens aos urros, agarrados aos raios das rodas, ajudavam com esforço.

Ao lado, numa oficina de carros, ressoavam malhos. Em frente, certa menina ruiva e vesga, muito serelepe, da manhã à noite martirizava inexoravelmente um piano fanho. Eram pregões de quitandeiros, alarido de mulheres e burburinho de farândolas. Por vezes gritos intercidentes confirmavam as atoardas de um crime: história de uma louca que estortegava, esbravejava em fúria seqüestrada em cárcere privado.

À tarde o rumor crescia: trens corriam abarrotados, caminhões vazios iam aos trancos, com estridor de ferragens; bondinhos passavam cheios. Os rapazes refugiavam-se no mirante e, sob a doçura do céu azul, onde a luz esmaecia, fumavam, conversavam, espirecendo os olhos por aqueles telhados vermelhos, vendo, à distância, a massa de verdura do parque da Aclamação, o grande quadrilátero do quartel e torres de igrejas, o zimbório da Candelária e os morros esmaltados de casas, alvas no verdor do arvoredo denso.

Aqui, ali, à derradeira irradiação do sol, uma clarabóia cintilava. Baixando os olhos, viam os quintais com os coradouros coalhados de roupa, cordas vergando, outras atesadas por bambus e, quase por baixo do mirante, o pátio da oficina de carroças, cheio de toros de madeira, rodas em pilhas, um banco de marceneiro sob uma coberta de zinco.

Sons vibrantes de cometas, às vezes de marchas e dobrados, vinham de longe na doçura da tarde. Apareciam estrelas, luzes apontavam nas ruas. A noite caía rápida, e a cidade iluminada resplandecia como uma vasta planície crivada de vaga-lumes.

Recolhiam-se. Só o Toledo ficava muito triste, à noite triste, cantando baixinho, com melancolia, o olhar perdido em cismas. Saíam para os teatros, para a palestra no Garnier ou no Deroche ou ficavam à vontade falando do futuro, formando planos literários - um grande livro de Arte que despertasse a indiferença do público mazorro, uma obra forte, feita com amor e talento, a forma muito trabalhada, a análise muito minuciosa; um livro magistral de estilo que passasse o oceano e fosse ao estrangeiro dizer da Pátria e dos seus artistas.

Ruy Vaz, porém, tinha, por vezes, grandes desalentos: entendia que a língua portuguesa era um cárcere.

- Para que morrer sobre as páginas de um livro se ele nunca chegaria ao conhecimento universal, por mais nobres que fossem os seus conceitos, por mais sutil e arguta que fosse a sua psicologia, por mais que lhe repolisses a forma? Não valia a pena. A língua portuguesa é ingrata e avara: guarda os seus mais belos poemas como um usuário esconde os seus tesouros. Anselmo, porém, sempre a rebuscar nos clássicos novos termos, tinha assomos de entusiasmo e proclamava o seu vernáculo o mais belo, o mais rico, o mais soante. E lia altissonantemente estrofes de Camões, trechos de Bernardes, de Fernão Mendes, de Lucena, os sermões e as cartas de Vieira, apontando as belezas e os grandes recursos dos mestres, e ia assim formando o seu vocabulário.

Só o Toledo, sempre sorumbático, parecia indiferente àquelas pesquisas literárias. Olhava e, se o estudante saltava mostrando nas páginas dum clássico um adjetivo sonoro e expressivo,

sorria o seu olhar morno tinha alguma coisa de enternecida piedade, se lhe parecesse ridículo, digno de lástima, contentamento tão grande por tão fútil descoberta. Levantava-se suspirando e, vagaroso, de mãos nas costas, arrastando os passos, ia-se pelo corredor a mascar o cigarro, ou de cabeça baixa, cantarolando trechos de óperas.

Como em todas as venturas da vida há sempre um "mas" impertinente, a adversativa do período sereno dessa existência amável era o banheiro.

A casa não possuía essa dependência indispensável à higiene e ao gozo. Dona Ana esfregava as suas banhas flácidas, de tempos a tempos, em imensa bacia de ferro onde Vidinha, aos sábados, com algumas gotas de água Florida e sabonete Windsor, tirava as gorduras do corpo alambreado.

Leonor, quando começava a tresandar, era impelida para o tanque e a bica golfava grandes jorros sobre as costas da negrinha, que tiritava clamando contra a barbaridade e pedindo que a mandassem para o recolhimento. Logo, porém, que se enxugava, a cólera caía e, satisfeita e inodora por algum tempo, saía a anunciar a barreia com justíssimo enlevo e restos de sabão na carapinha. Só o João se conservava a respeitável distância da água, esbravejando e referindo-se à falecida avó com descabida infâmia quando a mãe investia com a vara para o levar à barreia.

Os rapazes, logo que se instalaram, fizeram uma representação em forma à viúva reclamando um banheiro. Dona Ana achou "muita exigência" e fez-se surda, indo para a cozinha resmungar contra o "luxo dos fidalgos".

Ruy Vaz e Anselmo, vendo que ela desatendia, desceram uma manhã, às dez horas, quando Leonor esfregava no tanque e Vidinha arranjava os vasos de violetas à janela da sala de jantar. Despiram-se atirando a roupa para a corda e, nus, cantarolando, auxiliaram-se mutuamente revesando-se ao regador que um derramava sobre a cabeça do outro, trepando, o que fazia de aquário, sobre uma tina emborcada para que a água jorrasse do alto.

Leonor, em grande pânico, aos gritos, fugiu bradando o escândalo: "Que os moços estavam nus em pêlo, tomando banho no quintal." Vidinha debruçou-se à janela e rompeu a rir. Dona Ana acudiu e, vendo os dois inquilinos como anabatistas que se batizavam, uivou enfurecida contra a pouca vergonha.

Anselmo, porém, com a cabeça branca como um casulo de algodão, o corpo enflocado de espuma, de pé na tina, pronunciou um discurso demonstrando as excelências da água fria para a limpeza do corpo e para a resistência moral dizendo, na peroração, que se ela não desse imediatas providências, todos os dias àquela hora fúlgida, desceriam do Empino com as toalhas e o sabonete e, núcegos como dois atletas gregos, fariam a ablução indispensável.

Dona Ana vociferou invocando o pudor de Vidinha, a inocência de João, a candura de Leonor e a sua viuvez, mas no dia seguinte mandou vir da venda uma grande pipa, serrou-a e, suspendendo a um barrote um pequeno reservatório com chuveiro, mandou anunciar aos do segundo andar que podiam tomar banho com decência, mas que haviam de pagar o banheiro, porque ela não estava disposta a sustentar os luxos de ninguém.

E a cuba foi estreada, com alarido e cantos e, como o sítio do banheiro era escuro e infestado de bichos, desciam sempre com uma vela, e a hora do banho, por causa da lanterna e da tina, foi chamada com propriedade, "a hora de Diógenes".

O Lins aparecia freqüentemente a horas altas da noite e, da rua silenciosa, bradava para que lhe fossem abrir a porta. Entrava pé ante pé para não despertar a Cotovia e o Dragão e, vestindo um imenso robe de chambre do Toledo, estirava-se no canapé, com a cabeça sobre dois dicionários, e dormia como um justo alarmando a casa com os seus tremendos pesadelos.

De tempos a tempos o Duarte mandava um garrafão de vinho e ia também bebê-lo. Os jantares tinham, então, a grandiosidade de banquetes, trocavam-se brindes. Lins ia ao mirante com um copo cheio e bebia ao astro noturno e à maravilha das constelações; nas noites taciturnas, sem lua, bebia a S. Sebastião, o padroeiro da cidade ou a alguma mulher formosa e, mesmo uma noite, como enchesse o copo oito vezes, bebeu aos seus credores.

O trabalho progredia. Ruy Vaz acumulava observações para um romance de análise, estudo sutil de mulher; Toledo estudava os ossos do crânio e Anselmo terminava uma opereta quando se declarou a epidemia do amor.

Vidinha, graciosa e bela, parecia ter esquecido o amanuense e arrancava do peito recavados suspiros andando pela casa triste, com o croché entre os dedos, penteada, engomada, de meias e, à noitinha, debruçada à janela da sala de jantar, à hora em que, do mirante, os rapazes contemplavam os astros, cantava com muito sentimento:

Quando eu morrer não chorem minha morte...

O Lins achava-a encantadora com aqueles ares melancólicos de Ariadne esquecida, falando de morte; e pensava em desposá-la.

É digna de um artista de raça. É mulher para ter um templo feito com alexandrinos imperecíveis. Mulher nervosa, mulher ardente... só mesmo para um artista como eu. Sinto-me capaz de a fazer feliz. E travavam-se duetos estranhos no escuro: Vidinha embaixo, debruçada à janela, a suspirar:

Quando eu morrer não chorem minha morte...

e o poeta do mirante, com o comprido *robe de chambre* de rastos, a recitar Camões:

- Se me vem tanta glória só de olhar-te
É pena desigual deixar de ver-te;
Se presumo com obras merecer-te
Grão pago de um engano é desejar-te...

Mas Vidinha, logo que ouvia o poeta, retirava-se atirando bem alto, para que ele ouvisse, uma frase de ferino desprezo:

- Diabo do capenga não se enxerga! Não era ele então o preferido? Quem seria pois? Anselmo? Ruy Vaz? O sombrio Toledo? Duarte? Mistério! Os rapazes interrogavam Leonor, davam-lhe gorjetas procurando subornar a negrinha para que denunciasse o segredo que trazia contristada a formosa morena. A negrinha entesourava as moedas e respondia sempre com inflexível teimosia: "Não sei... Não sei..."

O amor fervia em todos os corações. Lins, desprezado, mas não desiludido, agarrava-se ao velho prolóquio: "Quem desdenha quer comprar..." e dava tratos à Musa escrevendo copiosas e alambicadas líricas nas quais cantava a criatura indiferente que o torturava. Uma manhã, à "hora de Diógenes", descia Anselmo para o Cranium, que era o sítio tenebroso do banheiro, com a toalha ao ombro, o castiçal e o sabonete quando, na escada, encontrou Vidinha. Trocaram um olhar afogueado e as faces da menina coloriram-se, indício infalível de que o coração se lhe havia sobressaltado.

- Bom dia, Vidinha.

- Bom dia, respondeu ela de olhos baixos, agarrada ao corrimão.

- Estás zangada comigo? - perguntou baixinho o estudante.

- Zangada com o senhor! Por quê? Hom'essa... Olharam-se e iam, talvez, sair os grandes segredos do coração da donzela quando uma voz estrondou no alto da escada:

- Passa pra cima, descarada! E o senhor fique sabendo que eu não quero cenas aqui em minha casa. Os senhores pensam uma coisa e ela é outra.

Vidinha, assomada, respondeu:

- Não me amole! - e enfarruscou, alisando o corrimão.

Anselmo, melindrado, repeliu a insinuação.

- Que pensa a senhora de mim?! Julga que eu estava aqui a dizer galanteios à sua filha? Está enganada. Eu perguntava simplesmente se a Gazeta já havia chegado. Não é verdade, Vidinha?

- É, sim.

- Eu sei! Os senhores são bons, mas a mim é que não embaçam. Eu bem sei como o diabo as arma. Anda pra cima, Vidinha.

- Não vou!

- Sem vergonha! Ficaram as duas discutindo e o estudante desceu indignado, mas convencido de que era o venturoso. Na manhã seguinte, porém, Ruy Vaz subia do *Cranium* quando encontrou a menina. Dona Ana estava à porta comprando verduras e sorte que o romancista pôde dilatar o encontro.

- Adeus, belezinha. Ia fazer-lhe uma carícia no rosto, mas Vidinha repeliu energicamente a mão atrevida.

- Eu não gosto de lambanças, sabe?

- Que é isto? Então é assim que se trata o queridinho?

- Queridinho quê, seu bobo!

- Ah! Não sou eu o queridinho? Então por que anda você mexer comigo?

- Mexendo com o senhor? Eu! O senhor está sonhando...

- Ah! Estou sonhando? Pois sim.

A menina fez um momo e disse abandonadamente:

- Eu dos senhores só quero o descanso.

- Má! - atirou-lhe em face o romancista.

- Mau é o senhor.

- Eu? Por quê?

- Não sei...

- Diga!

Ela encarou-o sorrindo e, com um meneio gracioso da cabeça, em voz expressiva e mole:

- O senhor é tolo! Nossa Senhora!... É melhor que tire fiapo do bigode, que até parece um cabelo branco.

Ruy Vaz apresentou a face, muito terno:

- Tira, meu anjo. Eu não vejo... E Vidinha, com um muxoxo, foi com dois dedos delicadamente, tirou o fiapo e mostrou-o ao romancista; e ele, trêmulo:

- Então eu sou mau?

- É, sim... Mas os tamancos de Dona Ana abalaram a casa.

- Olha mamãe! - disse ela assustada e Ruy Vaz precipitou-se, escada abaixo, o caminho do *Cranium*. Mas da cena capital foi herói Toledo, o casmurro. Os companheiros haviam saído, era quase noite, ele estava só no mirante quando Vidinha, debruçada à janela, disse:

- Que tristeza, meu Deus!

- Como? - inquiriu o misantropo.

- Que tem o senhor que anda tão triste?

- Nada, sou assim mesmo.

- Qual? Não creio: o senhor tem alguma coisa que não quer dizer à gente. Paixão, com certeza...

- Eu? Não tenho tempo para essas coisas, Dona Vidinha.

- Faça idéia...! Os mais sonsos são os piores.

Houve um silêncio e Toledo já não se lembrava de Vidinha quando ouviu:

- Boa noite!

Respondeu como em sobressalto:

- Boa noite, Dona Vidinha

E ela, em voz trêmula e surda, ajuntou:

- Sonhe comigo... e desapareceu. O anatomista ficou atordoado, assombrado como se, lá da altura, a lua, muda e branca, lhe houvesse perguntado pela família.

Foi num dia borrascoso de aguaceiro e vento, dia insípido de tédio, que Ruy Vaz contou, com requintes de vanglória, o seu encontro com a menina dando-se pelo preferido, mas Anselmo referiu o episódio da escada e Toledo narrou a cena teatral do mirante. Os três, pasmados, romperam a rir.

Toledo, porém, disse com lástima e sabedoria: "Que era uma doente..." Ruy Vaz declarou: que era um caso. A pequena atirava-se a todos para apanhar um, indiferentemente. Não havia amor, senão astúcia e interesse. Toledo entendia que o melhor era darem a perceber que a estimulavam, sem intenção, para que se desvanecessem as idéias absurdas que ela afagava com prejuízo do futuro, porque estava talhada para ser a esposa fiel do amanuense. Mas Anselmo, com os olhos fuzilantes, protestou enérgico:

- Isso não! Pois a pequena presta-nos tão alto serviço intelectual e havemos de desprezá-la? Isso nunca! Vidinha é um excitante e um alvo. O coração precisa de um ponto de mira, meus amigos. Os marinheiros guiam-se pelas estrelas, os poetas não podem trabalhar sem um ideal qualquer. Vidinha presta-se magnificamente.

Toledo ponderou com gravidade:

- Tomem cuidado! Essa menina é um perigo.

- Qual perigo! E, sem darem atenção aos conselhos do macambúzio, Ruy Vaz e Anselmo continuaram a cultivar a flor de alambre dirigindo-lhe frases incandescentes e ela a mandar-lhes flores, anéis de cabelo, marcadores de livros e, quando saíam, avisada pela negrinha, subia em visita curiosa ao segundo andar, corria os quartos, arranjava as mesas e, uma noite, ao deitar-se, Anselmo descobriu debaixo do seu travesseiro um lenço perfumado a Kananga que a menina ali havia escondido, para atordoá-lo, sem dúvida. O estudante dormiu com o trapo apertado ao coração e teve sonhos deliciosos.

Ruy Vaz, ouvindo os estrondos e suspiros do companheiro, começava a recear quando um incidente providencial fez com que o estudante evitasse o abismo que o atraía com lenços perfumados e cantares langorosos à janela da sala de jantar.

IV

Anselmo, que havia concluído a opereta, obteve do Heller, graças à apresentação de Ruy Vaz, um domingo para a leitura. Com o manuscrito debaixo do braço, o coração em grande alvoroço à idéia de um ruidoso sucesso que, de golpe, lhe atirasse o nome para a glória, entrou no jardim do Sant'Anna.

O empresário teve uma grande e enfadada surpresa ao como se vê-lo se não contasse com aquele sacrifício, mas dissimulando, ofereceu-lhe um banco no tablado, pedindo um instante para dar certas ordens. Anselmo sentou-se orgulhoso, certo de que o Heller fora reunir a companhia para a audição dos três atos da sua opereta que tinha o misterioso título de A

Profecia. Mas o empresário tornou, instantes depois, resignado e só, e, tomando um dos bancos, sentou-se, dizendo em voz aveludada e com um sorriso de mártir:

- Podemos começar. Anselmo, ainda esperançado, lançou um olhar comprido para o fundo do teatro, através da platéia deserta e lúgubre, mas o palco estava vazio e escuro, em arcabouço, com os bastidores encostados em pilhas, uma grande concha, rutilante de malacacheta, tirada por dois cisnes e uma velha árvore que, na mágica, então preferida do público, esgalhava-se dando passagem à fada Primavera, uma artista italiana, grossa de corpo que, todas as noites, era delirantemente aclamada por um grupo de admiradores. Não havia viva alma. Resolveu-se a principiar a leitura. Desenrolou o manuscrito e o Heller, vendo a primeira página, fez uma observação lisonjeira:

- Bela letra! ~ sua?

- Sim, senhor. O empresário, arregalando os olhos, acenou com a cabeça admirativamente. Em verdade a caligrafia era magnífica: o título dos atos em caracteres góticos, a descrição dos cenários e as rubricas em fino cursivo à tinta carmim, e toda a escrita uniforme, sem uma emenda, sem uma rasura, limpa e igual. Anselmo começou e, logo às primeiras frases, o Heller, abichornado pela temperatura tépida da hora sonolenta, cerrou os olhos. A cabeça ia-lhe descaindo lentamente; ele, porém, logo a afirmava, olhando quebrantado, com a mão à boca para esconder os bocejos.

la começando o segundo ato quando uma atrizinha apareceu muito tesa, em passo miúdo, rebolando-se, com a sombrinha acolhida entre os braços sob o colo. Fazendo leve cumprimento ao estudante inclinou-se para dizer alguma coisa ao ouvido do empresário que, de olhos altos, ia respondendo: "Sim... Sim... Sim..." Enquanto ela falava Anselmo, que acendera um cigarro, olhava-a e admirava-a. Clara, de olhos garços, pequenos, irônicos, mas de inextinguível vivacidade brejeira, lábios carnudos, cabelos castanhos e colo farto, que ondulava maciamente.

- É uma peça nova? - perguntou lançando um olhar ao manuscrito.

- Sim, disse o Heller.

- Há algum papel para mim? Anselmo afirmou:

- Há a princesa ou, se a senhora preferir, a fada. A atriz inclinou-se sobre o original, que o estudante deixara aberto na mesa, examinou-o, tomou-o nas mãos e, com um sorriso que dava ensejo a que o jovem autor visse duas filas de dentes admiráveis, exclamou enlevada:

- Com efeito! Que letra! Linda letra, hem, Jacinto?

- É verdade, concordou o empresário sonolento.

- Tão certa! Parece impressa. Sim senhor! Esta não precisa ser copiada para o ponto. O senhor escreve sempre assim?

- Sempre; afirmou o estudante.

- É admirável! E juntou: Quem tem tão linda letra deve escrever coisas admiráveis. Com licença... Se permite que eu ouça algumas cenas da sua peça... Há muito que começou? Que calor, hem? Em que ato está?

- No segundo.

- O primeiro não é mau, resmungou o Heller: tem vida.

- Vamos lá, disse a atrizinha chegando a cadeira para junto do estudante e, sempre com os olhos nele, risonha, ouvia. Ia Anselmo lendo uma grande e enfática invectiva quando se pôs a gaguejar, perturbado: sentira leve pressão no pé e, instintivamente, lançando um olhar interrogativo à atriz, viu que ela o fitava enternecida, com os olhos semicerrados e lânguidos. Quase ao terminar o segundo ato uma voz bradou do palco estentoricamente:

- Ó Jacinto! O empresário, ajustando o *pince-nez*, levantou a cabeça:

- Que é?

- Anda cá!

- Com licença. É um momento.

- Pois não. Ficaram os dois e o Heller ia ainda perto quando a atrizinha, em tom ardente e discreto, com a cabecinha inclinada, murmurou:

- Que olhos tem você, menino...! Ele sorriu tímido. Fazem mal à gente, palavra; juntou. Olharam-se e ela, sorrindo, tornou mais forte a pressão do pé.

- Você é estudante?

- Sou.

- De Medicina?

- Não: de Direito; estudo em S. Paulo.

- Ah! S. Paulo! - disse ela de olhos em alvo, como se aquele nome lhe trouxesse suaves e saudosas recordações. Inclinou-se sobre a mesa e Anselmo sentiu-lhe o contato dos joelhos. Ela examinou o frontispício do manuscrito e, lendo "Anselmo Ribas..." perguntou:

- É teu nome?

- É...

- Que idade tens?

- Dezoito anos. Encarou-o risonha, mordicando o beijo e exclamou de novo:

- Mas que olhos! Você deve ser um homem terrível! Quem é a tua amante?

- Minha amante? Não tenho.

- Não tem!? - fez ela com espanto compadecido: Pobrezinho! De repente, sacudindo uma penugem que pousara na lapela do casaco do estudante, perguntou:

- Vens logo ao teatro?

- Posso vir.

- Então espera-me depois do espetáculo. Onde moras?

- Na rua Formosa.

- Só?

- Com dois outros rapazes: Ruy Vaz e um estudante de Medicina.

- Ah! Moras com Ruy Vaz?

- Moro.

- Bonito rapaz aquele, hem?

- É... Levantou-se, tomou a sombrinha e, estendendo a mão breve ao estudante, enquanto lhe apertava os dedos, disse:

- Então até logo. Olha, espera-me junto do botequim. Vamos cear e depois... riu derreando a cabeça, piscando os olhos. Até logo; e, erguendo a voz: Jacinto, adeus, hein!

- Adeus! Já à porta, acenou com os dedos um adeus a Anselmo, depois, apontando o balcão do botequim fechado: Ali!

- Sim, disse o estudante.

- Até logo! - e atirou-lhe um beijo. O estudante, surpreendido com esse rápido incidente de amor, mal pôde concluir a leitura. Já não se preocupava com os proventos nem com o sucesso da opereta, pensando apenas no encontro noturno com tão formosa rapariga, mas a idéia da ceia aterrou-o. Como havia de a levar a um hotel se toda a sua fortuna reduzia-se a uma velha nota de cinco mil réis? Não havia de conduzi-la a uma tasca para empanturrá-la de iscas e de vinho verde, nem era gentil levá-la a bonde para casa. Mulheres como aquela estavam habituadas a iguarias finas, a champanhe e não se moviam senão em carruagens macias. Como se havia de arranjar para aparecer decentemente à atriz que ficara magnetizada pelos seus olhos felinos?

O empresário aceitou a peça prometendo montá-la logo que tivesse ensejo e Anselmo saiu radiante, feliz nas letras, feliz no amor, antegozando as duas delícias - a noite próxima, sonora de beijos, e o êxito de *A Profecia*... logo que houvesse ensejo. Quando chegou à casa narrou miudamente a aventura. Ruy Vaz, que conhecia a atriz, quis dissuadi-lo.

- Não te metas com essa mulher, é o diabo. É um escândalo de saias: faz rolos, tem ataques, suicida-se uma vez por mês, um horror! Arranjaste uma complicação, vais ver. Essa mulher vem desorganizar a nossa vida. Estamos aqui tão bem, trabalhando tranqüilamente e vai-se tudo por água abaixo. Já estou a vê-la revolvendo papéis, folheando livros, espalhando notas ou esperneando ali no tapete descomposta, com os tais ataques. Não penses que há despeito da minha parte, falo assim porque conheço a fundo essa ventoinha. Acho melhor que não a tragas para cá.

- Mas se ela quer vir..

- Quer vir! Ora! Quer vir! Mas para onde, se dormimos no mesmo quarto?

- Por isso não: eu falo ao Toledo.

- Pois sim, hás de ver o resultado. É até capaz de fazer-nos perder esta casa, onde estamos tão bem. É assim! Quando começo a pôr ordem na vida... zás! E foi-se para a janela resmungando.

O Toledo cedeu o quarto sem a mínima objeção; apenas retirou da parede os retratos do pai e da mãe e pôs uma vela nova no castiçal. O estudante conseguiu, com alguma lamúria, arrancar dez mil réis ao misantropo para as grandes despesas da ceia.

O dia parecia a Anselmo infundável e, impaciente, às sete e meia da tarde, com quinze mil réis no bolso e a alma radiante, caminhou trauteando a "Canção de Fortúnio" em direção ao *Deroche* para fazer hora.

Lins lá estava chuchurreando chopes e ouvindo as bravatas de um alentado barbaças que era paginador num jornal. O homem narrava, roxo e inflado, suando, um feito de mocidade. Andava uma noite em serenata, com outros, lá para as bandas da Cidade Nova, quando dois policiais, por birra, lhes tomaram o passo proibindo, com descomposta linguagem, o zangarreio e o descante. Com boas palavras tentaram persuadi-los de que não eram vadios, mas homens pacíficos, de trabalho, que se divertiam ao luar da noite morna, mas os polícias, julgando, pelas falas mansas, que eram *poaias*, insistiram na proibição e, sem mais aquela, foram desembainhando os rifles. Ele então, em furor de louco, atirou as manoplas à barriga dos intangidos soldados, suspendeu os dois e muito tempo, no ar, esteve a bater um contra o outro até que os sentiu moles; encostou-os, então, a um muro e foi-se pacatamente, fumando. Soube, mais tarde, que os dois policiais, recolhidos de manhã, com as caras amassadas e rubras como dois grandes tomates, estiveram entre a vida e a morte durante um mês, no hospital, bradando, no delírio da febre, contra um gigante, alto como uma torre e armado de cavaquinho, que os esmagava. O gigante era ele. A voz trovejante do paginador, saindo dentre as barbas densas, era soturna e temerosa como a de um oráculo vindo de versuda brenha em escachões, ecoando. Lins ouvia-o entre assombrado e descrente e pedia mais chopes.

Quando Anselmo entrou o poeta apresentou-o ao paginador que possuía o nome beato de Santos e o colosso, tomando na prensa da destra a mão fraca do estudante, para dar demonstração da sua força, apertou-a. Anselmo, porém, não se deu por sentido, posto que se lhe enchessem os olhos de água.

O *Deroche* estava quase deserto; além do poeta e do gigante só dois alemães, cachimbando e cervejando, calados como autômatos, recomeçavam partidas de dominó. Anselmo lançava, de instante a instante, os olhos ao relógio moroso. Como lhe pareciam lentas aquelas horas! Que noite vagarosa! Lins não podia acompanhá-lo, ia escrever uma crônica para um jornal de província. Já o caixeiro lhe havia posto diante dos olhos, entre os copos vazios, o tinteiro e um caderno de papel. Anselmo foi-se. A rua do Ouvidor, sem movimento, tinha o aspecto desolado de viela abandonada. As ruas do Rio de Janeiro, como as de Paris, segundo Balzac, têm qualidades e vícios humanos: há ruas estróinas e há ruas pacatas, ruas ativas e ruas negligentes, ruas devassas e ruas honestas, umas cujos nomes andam constantemente em notas policiais, outras que são citadas nas descrições elegantes.

A rua do Senhor dos Passos é imoral e imunda, a sua linguagem é torpe, o seu vestuário indecoroso, as suas maneiras insólitas, o seu cheiro nauseabundo, é uma rua que se enfeita com alecrim e arruda e embebeda-se com cachaça, tem hábitos vis de xadrez e de tasca. Por mais que se arreie vê-se-lhe sempre a imundície e a pústula; por mais que se esfregue sente-se-lhe sempre o fortum.

A rua Sete de Setembro é uma delambida rameira que estropia a língua do país e escandaliza a moral; o seu colo tem placas, os seus lábios mostram a devastação fagedênica, o seu hálito envenena. Tais ruas são como essas flores noctilucas que só desabotoam à noite e expandem o seu aroma; durante o dia caladas, entorpecidas modorraram em flácido e derreado abandono, bocejando.

A rua da Conceição é desconfiada, como que tem sempre o olhar à espreita, a navalha à mão, o pé ligeiro pronto para saltar e fugir. Não fala - murmura, cochicha, em gíria arrevezada. E maltrapilha e zambra, arrasta andrajos e oscila.

A praia de Santo Cristo tem o aspecto sadio de uma varina, criada livremente, à fresca e salitrada aragem marinha, diante da vaga, sempre a coser os panos das velas, abrindo-as ao vento ou compondo as malhas das redes que um repelão mais forte do peixe, no mar fundo, rompera em noite farta. A sua linguagem é rude como o fragor da onda na rocha, o seu olhar é límpido e seguro como o do mareante; tresanda à maresia. A sua força é a do vagalhão. Calma, tem o encanto da água serena em noites de luar, mas quando se insurge alvoroçada, quando se põe de pé, brandindo facas agudas e croques, remos e velhas bancadas de canoas roídas pela onda, esquecidas junto às dunas, apodrecendo ao tempo, tem a fúria irreprimível do mar tempestuoso.

A rua Haddock Lobo, com o seu ar repousado e feliz de velha senhora abastada, que dormita à sombra de árvores, entre crianças gazis e flores recedentes, digerindo, em sossego beato, sem cuidados, sem achaques, é calma e transmite ao espírito suavíssima idéia de descanso espiritual e de corpo, no imperturbável silêncio das suas aléias no frescor das suas finas águas correntes.

A rua do Ouvidor é trêfega. Durante o dia toda ela é vida e atividade, faceirice e garbo; é hilare e gárrula; aqui, picante; além ponderosa; sussurra um galanteio e logo emite uma opinião sisuda, discute os figurinos e comenta os atos políticos, analisa o soneto do dia e disseca o último volume filosófico. Sabe tudo - é repórter, é *lanceuse*, é corretora, é crítica, é revolucionária. Espalha a notícia, impõe o gosto, eleva o câmbio, consagra o poeta, depõe os governos, decide as questões à palavra ou a murro, à taponia ou a tiro e, à noite, fatigada e sonolenta, quando as outras mais se agitam, adormece. Ouve-se apenas o rumor constante dos prelos nas oficinas dos jornais. É a rua que digere a sua formidável alimentação diária para, no dia seguinte, pela manhã, espalhar pelo país inteiro a substância que compõe a nutrição do grande corpo, cada parte para o seu destino. Para o cérebro: as idéias que são os incidentes políticos e literários e as descobertas científicas, essas ficam com a casta dos intelectuais; o sentimento para o coração, que é a mulher; essa tem o romance e a esmola, o lance dramático e a obra de misericórdia; o movimento dos portos e das gares para o ventre e para os braços do povo que devora e do comércio que abastece e o resíduo que rola, parte para os cemitérios, parte para os presídios mortos e condenados. Outros que analisem a carta completa da cidade, eu fico nesta exposição.

Anselmo seguiu pensando no encontro. No largo de S. Francisco todos os quiosques conservavam-se apagados. Tomou pela rua do Teatro, também escura. Os respiradouros do S. Pedro brilhavam, homens debruçados às janelas fumavam, passavam senhoras despindo capas. Num hotel ressoava a harpa de um pequeno italiano e a rabequinha da irmã desafinava dolorosamente como se, a custo, àquela hora da noite, depois de todo um dia de afã, de hotel em hotel, de esquina em esquina, arranhado insistentemente pelo arco, o instrumento, irritado, recusasse o som.

No largo do Rocio era grande o movimento. Os cafés regurgitavam - era o povo dos domingos: o operário, o caixeiro, o marujo, aproveitando, com ânsia, o dia de folga. Vinham do campo, chegavam dos subúrbios fartos, alegres; uns que haviam apostado, com felicidade, nas corridas; outros que se haviam banqueteados, num canto rústico de arrabalde, à sombra da latada verde e iam acabar a noite no teatro, aplaudindo atrizes, cobrindo o palco de flores, rindo, saciando um desejo refreado durante uma longa semana no quarto estreito do armazém ou no cubículo da oficina.

Rapazolas passavam em turmas com grandes ramos ao peito, chuchando imensos charutos, fazendo algazarra. E triste, encostado a uma esquina, com uma pequenita sonolenta ao lado e um cão estirado aos pés, um velho cego, de compridas barbas brancas, com um realejo suspenso ao pescoço, tendo sobre a tampa um pires, voltava maquinalmente a manivela, moendo a *Marselhesa*.

Anselmo parava à porta de todas as casas, espiava e via um povo diferente do que ali costumava aparecer nos dias comuns. Nem um só dos rapazes: era uma gente nova, desconhecida, como se houvesse chegado de longe, caminhando, logo ao pisar a terra, em grande necessidade de expansão e de movimento, para as casas de prazeres onde bebesse e, calmamente, seguramente, comentasse os perigos de que saíra, os sustos que havia sofrido, as privações por que havia passado.

O homem das empadinhas urrava desesperado: "Empadinhas de camarão... estão quentes!" e, à porta do teatro, o povo apinhava-se, apertava-se, avançando arrastadamente, comprimido. Entrou.

O porteiro ruivo pediu-lhe o bilhete; ele, porém, lembrando-se do que lhe havia dito Ruy Vaz, atirou, com orgulho, o título de um jornal e passou.

Havia enchente. O jardim fervilhava e era um rumor confuso de vozes altas, estrondosas gargalhadas, estouros de garrafas. *Cocottes*, às duas, às três, de braço dado, iam e vinham; na platéia e nas torrinhas, era um bater estrepitoso de pés e de bengalas. Na orquestra os músicos afinavam os instrumentos quando a campainha retiniu e houve como uma inundação de luz e um grande "oh!" encheu o teatro com a expansão de todas aquelas almas ansiosas.

Subiu o pano. Anselmo, junto à orquestra, entalado entre os curiosos, muito espichado, procurava descobrir Amélia, mas a atriz não havia ainda aparecido, o coro apenas vozeirava. Rompeu uma salva de palmas... Seria ela? esticou-se: não, era o Vasques, todo de amarelo, com um girassol à cabeça. Mas uma pancada metálica de gongo vibrou sonoramente, espiou e sorriu, com o coração à boca. Era Amélia, de fada, iluminada por um jorro de luz, num carro tirado por dois cisnes. Vestia túnica recamada de pedrarias, à cabeça o diadema encimado por uma estrela que cintilava, em punho a vara mágica, braços nus, as pernas no maiô muito justo, coturnos nos pés... Divina!

Ele esforçava-se por conseguir tomar a frente ao grupo para que ela o visse, mas não podendo vencer a barreira humana, resignou-se a ficar em pontas de pés, angustiado, suando, a ouvir, com delícia, as palavras proféticas que ela ia dizendo aos da corte do rei, um monarca pançudo e ridículo, que caminhava aos saltinhos agarrado aos ministros... E com outro estrondo metálico Amélia desapareceu.

Que mais tinha ele a fazer ali naquela espécie de lugar? Retirou-se, com a mão no bolso, apalpando o dinheiro, receoso de que algum gatuno astuto o levasse, deixando-o desprevenido para a ceia.

No jardim encontrou o Duarte, a rir, num grupo de mulheres. Chamou-o à parte e, narrando-lhe a aventura em que estava empenhado, pediu o seu auxílio, mas o poeta estava *in albis*, tinha apenas o níquel da passagem. Olharam-se; de repente, porém, o autor das *Boêmias* disse com segurança:

- Espera-me aqui. Vou ver uns casos. E foi-se. Anselmo, posto que ardesse em sede, não se atrevia a tocar no dinheiro que reservava avaramente para a ceia. Foi ao balcão e, não sem vexame, pediu um copo de água. Começava o terceiro ato. O estudante já estava resignado à sua fortuna módica, quando o Duarte reapareceu esbaforido:

- Ah! meu amigo, que trabalhão! - e passou-lhe um rolinho sorratamente, segredando: Tens aí dez. Mas não te metas mais em complicações aos domingos. O domingo é um dia impossível: as nossas carteiras não aparecem, ficam repousando nas chácaras, de paletó branco e chinelas. Faze tudo quanto quiseses da segunda-feira ao sábado e descansa ao domingo, porque o Senhor mandou e porque não há meio de arranjar-se um níquel. Suei para conseguir essa miséria: tive de ir à rua da Candelária recorrer a um amigo. Felizmente encontrei-o à porta tomando fresco.

- Achas que com vinte e cinco posso fazer alguma coisa? - perguntou Anselmo.

- Isso é uma fortuna, homem de Deus! Podes até mandar abrir meia garrafa de champanhe e comprar um maço de cigarros para mim. Vou contigo.

- Tu! - exclamou o estudante aterrado.

- Tens ciúme?

- Não, não é ciúme, mas a quantia... para três.

- Mas eu vou justamente para garantir-te. Fico a teu lado e, se vir aproximar-se alguém com cara de canja ou de grogue... porque eu, pela cara, sei o que os manos farejam, dou o brado, compreendes? Fico de guarda e, mesmo, sendo necessário, podes deixar-me como refém.

- Então sim.

- Olha, acabou. Efetivamente o povo saía em massa. O estudante respirou e foi postar-se junto ao botequim que os caixeiros fechavam. Apagaram-se todos os bicos de gás, o pano de boca subiu e o palco apareceu nu e sombrio. Começaram a sair os atores e Anselmo, sempre que via aparecer, ao longe, uma mulher, movia-se como para ir-lhe ao encontro, mas o Duarte detinha-o:

- Não! Não é. E, intimo dos artistas, dirigia cumprimentos a todos que passavam: "Adeus, Chico! Boa noite, Guilherme! Como vai isso, Lisboa? Bravos à comadre."

- Aí vem ela...! disse, por fim. Era Amélia, muito tesa, com o seu passo miúdo e sacudido. Encaminhou-se para o botequim e, com meiguice, roçando pelo estudante como uma gata amorosa, perguntou: "Se ele havia aturado aquela estopada...?"

- Por tua causa... murmurou ele apaixonadamente e ela, lânguida:

- Hei de pagar-te o sacrifício.

O Duarte curvou-se dizendo em tom irônico:

- Muito boa noite, senhora duquesa!

- O Duarte! Estavas aí? Se fosses cobra.

- Não morde, madame.

- Nem eu sou mordível, respondeu ela a rir e, tomando o braço de Anselmo, muito aconchegada, sussurrou:

- Fazes muito empenho em cear?

- Eu? Se quiseres. Estou por tudo.

- Então vamos para casa.

- Isso não! - exclamou o Duarte; vamos festejar o himeneu com uma Einbek gelada, já que não podemos regar o epitalâmio a champanhe.

- Pois vamos, disse Anselmo passivamente.

- Eu entendo que vocês devem tomar uns ovos quentes e um cálice de Porto. Eu cá sou assim: não embarco para Citera sem levar copiosas provisões. A viagem é longa e fatigante.

- Pois vamos tomar uma garrafa de cerveja. Mas eu não como, jantei tarde, disse Amélia.

- Como vai o Moreira? - perguntou o Duarte.

- Não me fales nesse idiota! É um homem impossível: chora, vive sempre ajoelhado a meus pés, a beijar-me as mãos. Ridículo! Eu gosto de homem, homem...! De maricas não venhas! - exclamou em tom brejeiro. Entraram na Maison Moderne e Anselmo ainda insistiu por um pouco de foie gras, uma salada de arenques com vinho do Reno. Amélia fez um momo: "Aceitava apenas um copo de cerveja para não se fazer rogada."

Estavam os dois enlevados, enquanto o Duarte dava conta de um picadinho à baiana com farofa, quando uma voz rouca estrugiu:

- Correto!

- Olha o Neiva, disse Amélia voltando-se. Era efetivamente o boêmio. Vendo o grupo, dirigiu-se à mesa, e arrastando uma cadeira, pediu, num berro:

- Porto! Depois, muito terno, sorridente: Então que é isto? Que armação é esta? Temos amores?

- Já viste olhos mais ardentes do que os deste menino, Neiva? - perguntou Amélia.

- Não, nunca vi... Mas que tenho eu com isto? Pensa você que sou fiscal da iluminação do amor? Pôs-se de pé, ameaçador e trágico: Menina, cuidado! Este meu amigo é um Otelo de paletó saco!

- Mas eu não sou Desdêmona.

- Isso sei eu. Tu és como a Misericórdia: estás sempre de braços abertos. Honesta como fiel de balança. E, com os olhos imensos, a cabeça enterrada nos ombros, rugiu: Fazes muito bem! Saltou para o meio da sala repetindo: Fazes muito bem! E, chegando-se à atriz: O amor tem asas para voar... volúvel! Volúvel! Nada de ficar amarrada a este ou àquele sujeito. Amar é desejar; depois de saciado o desejo vem o tédio e, quando o tédio chega... só o divórcio.

- Pensam assim os inconstantes como tu, disse a atriz. O Duarte, cruzando o talher, tomou um sorvo de cerveja e, depois de limpar os beiços, suspirou:

- Só eu não sou amado! Se me impressiono por alguma menina, no dia seguinte é pedida em casamento. Eu sou o Himeneu.

- Qual Himeneu. Jetabore é que és.

Ou isso. Comecei a amar uma viúva com todas as veras da alma, com todo o fogo do coração, pois...

- Vai casar, adiantou Anselmo sorrindo.

- Não, nasceu-lhe um filho.

- Como! - exclamaram os três.

- Ora, como! Vai perguntar ao marido.

- Então é um filho póstumo?

- É verdade! O homem antes de morrer... É assim, hei de sempre encontrar um tropeço no meu caminho.

- Por que não tiras privilégio dos teus namoros?

- Já pensei nisso. Garçom, mais cerveja! Anselmo lançou um olhar apavorado ao Duarte que, percebendo, disse calmamente:

- Descansa homem; estou aqui com o prumo. O Neiva, fazendo uma careta, repeliu o copo enjoado.

- Não bebes mais? - perguntou Amélia.

- Não, filha; aqui onde me vês estou saindo do dique. Ceei ontem em casa da Melania e foi um estrupício! Só hoje, às duas da tarde, achei a minha cabeça. Ah! Vocês não imaginam: eram umas vinte mulheres e belas! Divinas! Encantadoras e estúpidas como a Vênus de Milo. Havia lá uma Hortênsia, de Guaratinguetá, deliciosa! Quando viu as alcachofras rompeu a rir, dizendo que aquilo nem parecia repolho e pediu queijo para os espargos tomando-os por macarrão. Um encanto!

- E as outras? - perguntou Anselmo.

- Tudo besta! Foi entre a ignorância e a beleza que passei a noite e estou cheio de solecismos e de pecados. Já li uma página purificadora e agora... Tomou um ar beato, espalmou a mão no peito, baixou a cabeça e murmurou: Pretendo amanhecer no Castelo para purificar-me no seio de um capuchinho. Depois da confissão atiro-me ao Gibert. Bem com Deus e com o Gabiso, este é o meu programa. Bramiu: A mitologia está errada! Vênus teve dois filhos gêmeos: Amor e Mercúrio. Estirou-se, amolecido:

- Estou morto! Mas logo, sungando o corpo, dirigiu-se a Anselmo:

- E você previna-se, meu amigo: saia dos braços dessa criatura e mergulhe num Jordão de iodureto.

- Não é preciso, disse Amélia erguendo-se irritada.

- Quê? Estás zangada? Neiva está brincando. Então Neiva não pode brincar...?

- Sim, mas eu não gosto de brincadeiras dessas..

- Está bem, rasgo a receita. Adeus! Vou dar um dedo de prosa ao Vasques. Até amanhã! Foi-se.

- Vamos? - convidou Amélia.

- Vamos.

- Eu fico, disse o Duarte. Sejam muito felizes. E, como o caixeiro apresentasse a nota, ele segredou ao estudante:

- Então? Viste como se manobra? Ainda podes almoçar e jantar amanhã, com vinho. Adeus!

- Boa noite! E os dois saíram aconchegados.

Anselmo propôs tomarem um carro. Amélia, porém, preferiu o bonde e foram, como um casal de noivos, muito juntos, extasiados, de mãos unidas, fazendo protestos de amor até a morte.

V

A casa estava em silêncio. A candeia, diante da escada, espichava uma chama comprida e fumarenta alumando os primeiros degraus, o resto do lance perdia-se na escuridão e foi aí, nesse tenebroso e arriscado sítio, que o primeiro beijo longo selou o juramento passional feito no bonde. Ruy Vaz e Toledo dormiam a sono solto quando os dois atravessaram a sala em passos surdos, a caminho do quarto do misantropo. Anselmo ia riscando fósforos pelo corredor por onde os ratos fugiam atropeladamente.

Oh! Essa primeira noite, desde que um sopro extinguiu a luz! Ó ardentíssimo Bartriari. Ó penseroso Babravia e tu, voluptuoso brâmine Vatsyayana, autor dos shastras fesceninos; e tu, Ovídio; e tu, Propércio, vós todos quantos cantastes o delírio erótico em estrofes mais estimulantes do que a decoção afrodisíaca da Uchala ou do que o mel do Hymeto, doce e rejuvenescedor, que admiráveis páginas daríeis se pudésseis, de um canto, velando, como velaram Anselmo e Amélia, ouvir as entrecortadas palavras trêmulas, ouvir os beijos alucinados e...

Se conhecêsseis a quinquagésima estrofe do 8º canto do poema do Ariosto:

"Tutti le vie, tutti li modi tenta;
Ma quei pigro razzon non però salta:
Indarno li fren gil scuote e lo tormenta;
E non puó far que tenga la testa alta.
Alfin presso alla donna s'addormenta.
....."

Imaginaí o oposto dessa miseranda cena entre o eremita e Angélica, na praia; imaginaí e tereis o que aquelas paredes graves da alcova ascética do triste não viram, mas ouviram, se, em verdade, as paredes têm ouvidos.

Depois dessa noite febril, Anselmo, como se houvesse perdido a noção do seu destino, esqueceu os livros à poeira e à traça, esqueceu sobre a mesa desordenada as primeiras tiras do romance, que tão interessadamente começara por uma larga descrição da vida rural com muita bucólica, sob um sol abrasado, entre cabanas e matas virgens, louros canaviais e águas fugitivas e os dias, ou passava-os molemente estirado na cama, a repousar da noite esperando a noite, ou ia gastá-los em casa de Amélia, muito lúbrico, enquanto Ruy Vaz, em excitada febre de trabalho, mal aparecia aos amigos e o Toledo, com todos os ossos do crânio na cabeça,

passava à coluna raquidiana, passeando pelo corredor com vértebras na mão e vértebras nos bolsos.

Amélia mudava-se paulatinamente para a rua Formosa. Alta noite, um tálburi parava à porta e Toledo, o paciente anatomista, era despertado para ceder o quarto e, sem queixa, com os retratos respeitáveis e o seu lençol, transferia-se para a cama de Anselmo; e a atriz instalava-se. Já no mirante, ao sol, vestidos tufavam-se, meias de seda rolavam pela casa; nos cabides, juntamente com os paletós e as calças, havia camisas e saias rendadas, um chapéu, cercado de plumas, enfeitava, como um ornato extravagante, a mesa do autor de *A Profecia* e, nos róis de Anselmo apareciam, na promiscuidade das ceroulas e dos colarinhos, calças de senhora, saias brancas, camisas e outros panos adjacentes.

Pelas paredes eram sem conta os retratos da atriz em diferentes peças: ora de fada, ora de pajem, ora de escrevente. Aqui, com ares régias de soberana; ali, risonha, mostrando os dentes, numa garridice de *soubrette* e um, maior que todos, no qual era vista deitada sobre um divã, olhos semicerrados, fumando. Ruy Vaz achava aquilo imoral e o Toledo, para que os seus progenitores não aparecessem em companhia tão desbragada, trazia os dois retratos no bolso recatadamente.

Dona Ana, encontrando uma manhã Amélia no corredor, plantou-se de mãos à cinta no patamar trincando os beiços e, logo que a atriz desapareceu, esbravejou com todo o poder dos seus pulmões.

- Que não queria gente daquela laia na sua casa, aquilo não era zungu! Que os sem-vergonha vissem que ela tinha uma filha solteira. E jurou que, se encontrasse outra vez a sirigaita, agarrava a pelo gasnete e atirava-a da escada abaixo. Anselmo, melindrado, quis descer para fazer calar a viúva, mas Ruy Vaz acalmou-o:

- Que vais fazer, desgraçado? A mulher tem razão. Pensas que é pela moralidade da casa toda essa cólera? Estás enganado - é pela decepção. Para Dona Ana, Amélia não é uma devassa: é uma rival da filha. Ela contava contigo para Vidinha e, como vê a rapariga entrar e sair, vocifera desesperada compreendendo que ela vai desviando um partido. Eu já tinha percebido as intenções da velha, calava-me porque entendo que nunca se deve matar uma ilusão, que é a matéria-prima da esperança. Pensas que esses alguidares de arroz, esses pratarrazes de ensopado, esses assados, mais altos do que o Himalaia, e esses lagos de consômê e esses outonos que enchem as fruteiras e tudo mais que vem das cozinhas de Mme. Gargamela são por conta da minguada mensalidade que lhe damos? Engano: são engodos, são como presentes de núpcias, é a *corbeille* com batatas, é um trousseau de cebolada, é o enxoval do estômago, o morghengabe adiantado. Ela seduz o ventre, suborna a pança. A mulher quer prender-nos pela boca, é uma pescaria em regra. Vamos comendo a isca que é excelente em qualidade e em tempero e não nos preocupamos com o anzol. Compreendes: ela sabe dos meus amores com Elvira, já a viu entrar aqui mais de uma vez e a Elvira é mais tapageuse do que a Amélia; ela sabe que o Toledo só ama os pais e os ossos do seu esqueleto... contava contigo e, justamente quando temperava com mais ciência os escabeches e vestia com mais luxo a filha, eis que lhe surge o contratempo. É mesmo para uma mãe de família perder a cabeça, pensa bem. Que te custa fazer um sacrifício...?

- Casar com Vidinha! - exclamou o estudante aterrado.

- Eu matava-te! Nunca! Casar... nunca! Contemporizar... sempre. Namora... que custa? Olha que estamos magnificamente instalados. Pensa no futuro! Não encontramos no Rio de Janeiro,

pelo preço, casa como esta, apesar do *Cranium*... e dessa noiva de... Dâmocles. Pensa um pouco. A precipitação é má conselheira. Olha Safo: precipitou-se de um rochedo e foi o que sabes. Pensa.

Ouvindo os sábios conselhos de Ruy Vaz, Anselmo já se dispunha a recomeçar o *flirt* com Vidinha quando, uma madrugada, por volta das duas horas, a rua despertou ao rumor de tremenda matinada. Era um alarido atoador: cantavam a *Marselhesa*, levantavam vivas. Janelas entreabriam-se receosamente, vizinhos sonolentos espiavam intrigados.

Ruy Vaz, ouvindo da cama, deixou-se estar debaixo dos lençóis julgando, a princípio, que era alguma manifestação que se recolhia, mas subitamente saltou descalço, em camisa, assustado. Arrombavam a porta e, da rua, gritavam por eles numa fúria, como se houvesse incêndio no prédio. O estudante saltou também da cama e correram ambos à janela. Estavam à porta dois carros e um grupo de homens e de mulheres com velas em mangas de papel. Logo que os viram aparecer os da rua prorromperam em vivas! E atiravam-se à porta. Ruy Vaz murmurou:

- Estamos perdidos! Efetivamente... Dona Ana, descalça, com uma vela, entre Vidinha e Leonor, em fraldas de camisa as três, rompeu o alarido no patamar da escada:

- Súcia de vagabundos! Não abro! Vão bater no diabo que os carregue, pelintras! Isto aqui é uma casa de família. É porque não tenho um apito. Mas as pancadas na porta redobravam e o vozeirão enchia a rua:

Allons enfants de la Patrie,
Le jour de gloire est arrivé...

- Vai buscar um apito, João. Eu mostro a essa súcia. Corja!

- Ah! Mamãe, choramingou Vidinha, é melhor abrir... Eles estão furiosos, são capazes de fazer alguma coisa. Vai abrir, Leonor.

- Eu não! Pois eu hei de ir assim em fraldas de camisa para eles me agarrarem? Deus me livre! Começou um zé pereira formidável à porta, que tremia ameaçando ceder, apesar da tranca. Dona Ana irrompeu falando para o segundo andar:

- Rua! Não quero um só aqui! Rua! Isto não é estalagem, seus vagabundos! Rua! Rua! Mas Ruy Vaz, o conciliador, desceu dois degraus. As mulheres, ouvindo os passos do romancista, fugiram espavoridas bradando - que estavam em camisa!

- Não faz mal, disse ele tranqüilamente, descendo: estamos em família. Mas fecharam-se as três na sala de jantar e Dona Ana bramiu através da porta:

- Rua! Amanhã mesmo!

- Ouça, Dona Ana, disse o romancista, muito calmo.

- Não quero saber de histórias. Rua! Estou farta! Não dou mais comida! Arranjem-se!

- Isso é natural, Dona Ana. Ouça-me.

- Qual natural! Entreabriu a porta e, mostrando pela fresta o seu imenso nariz, esgoelou: O senhor acha que uma pouca-vergonha como essa é natural? Que hão de dizer os vizinhos? Que isto aqui é uma casa de deboche e que eu e minha filha somos vagabundas como essas que estão aí. Não! Rua! Amanhã mesmo... Ponham os cacos lá fora! Não dou mais comida...! Quero alugar a minha casa a gente séria.

O rumor ia em crescendo formidável. Uma mulher pôs-se a berrar:

Minha bela Florentina
Sol de amor que minh'alma ilumina...

- Mas ouça, Dona Ana... O romancista tentou abrir a porta, mas a viúva rugiu:

- Eu estou em menores... Saia para lá homem!

- Ouça, Dona Ana. Realizou-se hoje o ensaio geral da minha peça e os rapazes querem fazer-me uma manifestação. Está por demais ruidosa, concordo, mas é natural... Todas as manifestações são, mais ou menos, ruidosas. O caráter da manifestação, quando é sincera, é o ruído. Não se zangue. De repente a tranca caiu com estrondo e uma horda arremessou-se para a escada com luminárias bradando:

"Viva Dona Ana! Viva a dinamite que é o princípio da igualdade humana...! Vivaa!" E uma voz espremida esganiçou: - Vii... mas não concluiu. Ouviu-se o espoucar de uma garrafa nos degraus da escada.

- Desastrado! Como é que abres mão da felicidade? - exclamou o Neiva vendo o Lins estupefato diante dos cacos da garrafa, com os pés num córrego espumante.

- É a primeira vez que o vinho me desce aos pés, disse o poeta lastimosamente. E o bando precipitou-se em tumulto, escada acima.

Era uma invasão. Rompia a marcha Anselmo que fora abrir a porta dando os braços à Amélia e a uma rapariga tímida que atordoada, com um sorriso imbecil nos lábios descorados. Seguiam-se o Neiva, com um grande embrulho; o Lins com uma bojuda garrafa; Duarte com um pão, grande como uma massa de sílex e dois outros, Crebillon, conterrâneo de Anselmo e de Ruy Vaz, ruivo, de cavanhaque flamejante, portador de duas garrafas, e o Martins, ex-colega de Anselmo em S. Paulo, de óculos escuros, com uma *valise*.

Chegando ao patamar atroaram a casa com um hurra! que fez saltar de um canto, espavorido, o gato venerando de Dona Ana, que se pôs a miar arranhando à porta da sala de jantar.

Ruy Vaz, vendo a corte, saiu-lhe ao encontro para pedir compostura, mas ao darem com ele, os noctâmbulos irromperam em saudações frenéticas, mostrando os presentes e não houve meio de convencê-los de que estavam em um quarto pacato, em casa de uma família de hábitos patriarcais, às duas horas da manhã. O Neiva berrava como um energúmeno, comandando a expedição, e foram pelo segundo lance da escada com estridor. Ao alto estava o Toledo enrolado no *robe de chambre*, com uma vela, alumando. O Neiva bradou:

- Bravos ao Hamlet! E o Lins levantou um viva ao "Farol da civilização!" Logo que chegaram à sala, depondo os embrulhos, enquanto o Duarte, desfazendo um pacote de velas, distribuía uma iluminação profusa, aproveitando igualmente os cotos que haviam trazido resguardados em mangas de papel, o Lins fazia questão do *robe de chambre* do Toledo e Amélia punha-se à vontade. Ruy Vaz quis conhecer o motivo daquela manifestação noturna e o Neiva, tomando a palavra, explicou, facundo:

- O Acaso, que é o título com que a Providência passeia incógnita entre os mortais, fez com que nos reuníssemos hoje na *Maison Moderne*. A Fortuna dispensara-nos vários dons da sua cornucópia abundante e o bom-humor foi o arco de aliança que nos uniu. Tomamos conta da mesa maior, que foi franqueada a quantos apareciam famintos ou sedentos. A sala parecia, mal comparando, um quartel de eleitores em dia de eleição. A cozinha e a adega passaram por nós em procissão pantagruélica. Foi uma festa digna de Sardanapalo. À falta de assuntos para brindes, como fazia parte do grupo o nosso precioso Crebillon, glória do Norte, travamos uma luta como a de Watburgo, tomando por tema o cavanhaque flamejante do valente abolicionista e correram rios de Bourgogne, rolaram catadupas de Champanhe. À meia-noite surgiu o Martins que aí está de guarda-pó no braço e *valise* à mão, procurando a matalotagem que encomendara, porque vai hoje para o Friul Paulista. Tomamo-lo e a ceia foi por diante. Já empazinados, lembramo-nos de vocês e houve um clamor geral, um clamor altruísta, digno de Comte: "Pobres homens! Enquanto aqui nos banqueteamos copiosamente, eles dormem sem ceia, num quarto obscuro da rua Formosa. Façamos uma carga e parta-mos para esse retiro... Eles terão um alegre sonho, o Martins, a dois passos da estação, poupará o dinheiro que reserva para o tílbur e nós outros veremos o rosto cor de rosa da aurora quando ela vier correr o reposteiro da noite diante do sol." Como não há prazer completo sem mulheres, arrancamos a Amélia às garras de um comendador lascivo lembrando-lhe os juramentos de fidelidade e mostrando-lhe o caminho do dever honesto e raptamos esta "sabina" pudica, que está em caminho do escritório do Silva Araújo. Viemos cantando e rindo e aqui estamos nesta bastilha feroz. Tenho dito.

Mal o Neiva terminou a sua oração, o Duarte pôs-se a desfazer os embrulhos e apareceram lascas de fiambre, fatias de mortadela, ostras e camarões recheados; pimentões rolaram sobre a mesa e um fornido roast-beef reluziu gorduroso, cercado de farofa, como uma pirâmide num areal revoltado. Havia três copos, dois foram oferecidos às damas e o terceiro foi posto à sorte cabendo ao Lins. Mas onde estava ele? Roncos tremendos vinham da alcova da sala. O poeta, enrolado no *robe de chambre*, como uma múmia nas suas tiras, dormia com a bojuda garrafa aconchegada ao seio.

Puseram-se à mesa, mas com tão estrondosas gargalhadas que Dona Ana recomeçou os bramidos na escada protestando contra o escândalo, ameaçando com a polícia. Crebillon, torcendo o cavanhaque rutilante, propôs uma descida ao primeiro andar, comprometendo-se a trazer a senhoria e a filha. Era *curado*, as cobras não lhe faziam mal, podia, sem receio, lidar com a jararaca. Ruy Vaz, afagando as mãos grosseiras da jovem "sabina", prometia-lhe amor eterno e um chapéu. Anselmo fazia uma cena de ciúme com Amélia por causa do comendador, enquanto o Duarte, sempre dado às musas, completava um soneto entre as virtualhas, quando

Neiva, Crebillon e Martins desceram solenemente para buscar Dona Ana e Vidinha. Mas a viúva correu a trancar-se na sala de jantar arrastando a mesa para junto da porta, a bradar: que iria para a janela pedir socorro se continuassem. Vidinha soltava agudíssimos gritos invocando santos e João explodia em obscenidades e ameaças. Os três desistiram da empresa e, quando subiram, o Duarte recitava ao Toledo o soneto que concluía e mais ninguém havia na sala. Pasmaram e Crebillon, assomado, quis dar uma busca na casa quando um grito horrível repercutiu no corredor e a "sabina", lívida e trêmula, com os olhos enormes e as roupas em desordem, apareceu na sala, rolando, sem forças, sobre o canapé. Acudiram com vinho mas a pobre rapariga tremia com os olhos na porta que abria para o corredor, batendo os dentes, num pavor inenarrável.

- Esta mulher viu alguma coisa séria, disse Crebillon sisudamente e o Neiva, com o copo nos lábios da "sabina", enquanto ela bebia, tocando com os dentes um trêmulo no cristal, afirmou:

- Coisa muito séria! Para um susto como este! E indagou: Mas que foi? Que viu você lá dentro? Não me consta que esta casa seja mal-assombrada.

- É! - exclamou ela.

Mas Ruy Vaz entrou indignado:

- Ora, seu Toledo, por mais que eu diga que não deves andar com aquele estafermo de um lugar para outro, é escusado. Aí tens... Não é a primeira peça que me prega o tal arcabouço.

- Que estafermo? Que arcabouço?...

- O esqueleto. Imaginem vocês: um esqueleto, de paletó saco, sentando diante da mesa com ares de quem vai compor um poema macabro. Isto é até profanação...

- Eu não o sentei nem tampouco o vesti.

- Está sentado e de casaco, afirmou a "sabina". Está sentado, muito teso, com as pernas esticadas e os braços na mesa. Parece até que está escrevendo.

- É a mão do finado, disse o Neiva e a "sabina" continuou:

- Eu fui em cima dele no escuro e, tateando, senti a dureza dos ossos, depois uma coisa redonda, lisa, gelada que parecia uma melancia. Desconfiada, pedi ao senhor Ruy Vaz que riscasse um fósforo e, quando ele riscou... Nossa Senhora! Escondi o rosto nas mãos, aterrada. Por que não mandam enterrar aquilo? É de seu pai?

- Não, senhora, aquilo é a base da ciência.

- Que ciência! Aquilo é osso de defunto. Ainda se fosse de algum parente seu, mas não sendo... Deus me livre de ter uma coisa daquelas no quarto, perto de minha cama. Até era capaz de vir uma noite dormir comigo! Cruzes!

- Isso não, cabocla, disse o Neiva: o esqueleto deu baixa. Àquele é que tu não apanhas. Contenta-te com a carne, filha, não queiras ainda roer os ossos.

- Deus me livre de voltar aqui!...

Eram dez horas da manhã, o sol entrava em grandes jorros pela sala quando o Duarte, espreguiçando-se, bocejou alto; vendo, porém, a luz, ergueu-se de um salto do monte de jornais que lhe haviam servido de leito, bradando pelo Martins:

- Levanta-te! São horas! Olha que perdes o trem! Procurou pela sala, que estava numa desordem lamentável. No canapé dormia o Neiva com a cabeça sobre dois grossos relatórios. Crebillon roncava espichado na cadeira de balanço e o Toledo, com a cabeça repousada nos braços, sobre a mesa, parecia de pedra. E o Martins? Havia desaparecido. Teria ele passado a noite em claro para não perder o trem, escapando-se sub-repticiamente à hora? O Duarte alarmou a casa e todos despertaram amarrotados, com escancarados bocejos.

Sendo a descida ao *Cranium* mais arriscada para as damas do que foi, para os argonautas, o desembarque em Colchos, considerados, com o devido respeito, o pulso masculino da viúva e a fúria que nela tomou a feição ameaçadora de loucura, constituiu-se um corpo de proteção que, em caso de necessidade, reagisse energeticamente defendendo as costelas delicadas de Amélia e os delgados braços da "sabina". Por decência, porém, não querendo que se reproduzisse a cena indecorosa do areópago, sem os nobres intuitos que levaram Hipérides a desnudar Frinéia, a falange, que tinha no Lins o seu Tirtéu, ficou à distância enquanto o fragilíssimo sexo desbesuntava as carnes pecadoras.

Depois de Eva foi içado o Lins porque, com a perna mais rija do que o braço da figura principal de *A Barricada*, não podia galgar as bordas da cuba. E seguidamente, um a um, com trabalho, aspergiram-se todos com as gotas avaras do reservatório. Refrescados, esperavam pacientemente que Leonor, como de costume, subisse para estender a toalha, mas as horas iam passando lentas sem que a negrinha aparecesse. O Lins foi examinar a chaminé - fumegava, mas era tão tênue o fio de fumo que o poeta, em grande desânimo, atirando-se a uma cadeira, balbuciou:

- Não é possível que tenhamos bife. Pela fumaça calculo o almoço que lá estão cozinhando em dois pratos minguidos. E Ruy Vaz suspirou:

- Dona Ana cumpre a palavra: estamos sitiados pela fome. Que havemos de fazer?

- A guarda rende-se, mas não morre à míngua! - exclamou o Neiva. Vamos depor as armas. Quem há de ser o parlamentar?

- Eu vou! - disse Anselmo.

- Não! - bradaram todos, aclamando Ruy Vaz, por ser o mais prudente e o mais conceituado. Ruy Vaz resignou-se e desceu. Em cima os rapazes ficaram catando migalhas da ceia e, quando o romancista apareceu, avançaram todos perguntando com ansiedade:

- Então?!

- Nada, meus amigos! Inflexível como a espada de Rolando.

- Mulher sem entranhas! - rugiu o Neiva. Nem parece mãe! E agora? Que se há de fazer?

- Vamos a um hotel, propôs Crebillon. - Quotizemo-nos e a caminho para a primeira baiúca que tenha um fogão. O Neiva opôs-se, espichando-se no canapé: "Não saía, estava sem forças. Mandassem vir o almoço, concorria com alguma coisa. Sair, nunca! Preferia acabar como Ugolino roendo o crânio do esqueleto." Correu a espórtula e Crebillon teve de entrar com a maior parte, sendo ainda, por um capricho da sorte, obrigado a ir ao primeiro hotel da vizinhança encomendar o repasto.

Amélia e a "sabina" encarregaram-se de arranjar a mesa e, à falta de toalha, estenderam um lençol de linho que o Toledo desencafuou das profundezas da canastra.

Quando o almoço apareceu, numa lata, à cabeça de um negro, romperam as exclamações e Crebillon eleito, por unanimidade, presidente da mesa, ocupou a cabeceira. Foi durante o almoço que ele, indignado com o procedimento da viúva, mulher de maus bofes, propôs organizar uma "república" modelo, em prédio de aparência, em bairro nobre, com todo o conforto e uma adega. Adiantaria o dinheiro para a instalação e tomaria a seu cargo a administração. Como o negro portador do almoço tinha uma fisionomia simpática e sisuda, Ruy Vaz lembrou baixinho ao futuro presidente da república ideal:

- Quem sabe se não temos neste africano grave um excelente cozinheiro...? Crebillon lançou um olhar perscrutador ao negro, que, de pé, os braços caídos ao longo do corpo, acompanhava o almoço prestando-se gentilmente a ir rapar os pratos no mirante para que servissem a outras iguarias:

- Sabes cozinhar, rapaz? O negro, timidamente, sussurrou: Que arranjava, menos mal, um bife e ovos e fazia canjas. A sua especialidade, porém, era o vatapá.

- Muito bem. Queres ser o nosso cozinheiro? O africano sorriu, torcendo as franjas do pano que lhe servia de rodilha. Quanto queres ganhar? Crebillon falava num tom cheio de tanta soberania que o negro não se achou com coragem de impor preço: deu de ombros, confiado na generosidade do seu futuro patrão.

- Bem, ficas desde já ao nosso serviço. Como te chamas?

- João de Deus.

- João de Deus! O nome é místico, disse Anselmo; talvez nos ponha em boas relações com a Providência. E, de pé, com solenidade:

- João de Deus, toma: bebe à tua fortuna! E passou-lhe um copo de vinho que o negro engoliu avidamente. Terminado o almoço os ossos foram todos atirados à área, o que provocou um rugido de Dona Ana. À tarde saíram, ficando de guarda à casa o fidelíssimo africano.

Enquanto Crebillon procurava a sonhada casa de aparência, em bairro nobre, a vida foi um suplício no segundo andar. Nem a vassoura, ao menos. Dona Ana mandava para sacudir a poeira do soalho e, como a bolsa não tinha, todo um longo dia escoou sem que os três fizessem passar alguma coisa pela boca, a não ser o fumo dos cigarros. Só o esqueleto, livre da contingência da fome, não suspirava. O próprio João de Deus, não farejando almoço pediu licença para ir fazer uns carretos que havia tratado e saiu.

- Ah! Não torna mais! - suspirou Anselmo quando viu o negro desaparecer, com a rodilha e uma fome de náufrago; mas enganou-se porque, à noite, cedo, lá estava ele, farto e fiel.

Para que não desconfiasse da abstinência Ruy Vaz levou-o ao mirante e, misteriosamente, fez uma preleção religiosa, explicando-lhe as razões secretas daquele sistema:

"Observavam um rito antigo, de muita severidade, que impunha, como principal sacrifício, o jejum, de quando em quando, para moderar os ímpetos da carne." E o romancista, com argumentos sutis, mostrou ao negro como a carne (sobretudo a fresca) conduz ao pecado e ao crime quando não é sofreada prudentemente. Falou dos ascetas, citou Gringoire e Santo Antão, Murger e S. Paulo, o eremita Elias e o Dr. Tanner e o negro, convencido, admirava aquelas almas temperadas de fé e de resignação que resistiam, com tanto fervor, às exigências da matéria. Anselmo tinha surdas revoltas vendo que, em todas as casas, as chaminés fumegavam.

- Mas que tens tu com o fumo dos lares? - perguntou Ruy Vaz.

- Detesto-o!

- És o único. Os poetas celebram a espiral que sobe dos telhados como uma prece demandando a altura.

- Sim, os poetas celebram quando têm o estômago saciado. Põe-me aqui um poeta faminto a olhar todos esses tubos que falam de ensopados, de omeletes, de frituras e de bifés com batatas, e hei de ver a estrofe que lhe sai dos lábios. Há de sair uma invectiva... Isso tantalisa! Saber a gente que em todas essas casas come-se, que em todas elas há almoço e jantar...

- E dores e remorsos e angústias.

- Ora! Infamíssima criatura! - murmurou entre dentes, pensando em Dona Ana. À noite, porém, já desanimados, dispunham-se a fazer uma desgraça quando o Toledo apareceu com um embrulhinho oloroso, oferecendo timidamente aos companheiros.

- Que é? - perguntou Ruy Vaz lançando um olhar de desprezo ao presente.

- Fígado frito.

- Ora! Fígado frito... Sem pão, aposto?

- Com farinha.

- A farinha faz mal, está provado. Enfim... Queres, Anselmo?

- Eu não sei se o fígado me faz bem: tenho uma hepatite...

- Ora, dentada de cão cura-se com o pêlo do mesmo cão.

- Similia similibus curantur, ajuntou o Toledo.

- É exato. E empanturraram-se. Tarde, João de Deus apareceu estafado e abarrotado: lavara uma casa na vizinhança e comera uma feijoada completa. Teve horríveis pesadelos no corredor - sonhou com um esqueleto, fardado e de mitra, equilibrando-se em uma bola que ia e vinha, pesada e ansiante, sobre o seu estômago. Acordou arquejando e o Toledo diagnosticou um ameaço de congestão, fazendo com que o negro saísse ao mirante com um dedo na goela para aliviar-se. João de Deus urrava e, de manhã, com uma enxaqueca feroz, teve de levar uma carta de Anselmo a um fabricante de águas gasosas que respondeu com muita lamúria, referindo-se às dificuldades da vida e à concorrência das águas estrangeiras que inundavam o mercado, comprometendo-lhe a fonte de renda. Estava a liquidar, concluía, desejando venturas ao estudante. Todas as venturas e nem uma xícara de café ao menos! Foi então que decidiu sair atrás do Acaso. Mas era domingo, o Acaso não aparecia e, se o Toledo, sempre cuidadoso, não houvesse recorrido a um primo, homem que tinha cozinha em casa, levando um bom pedaço de assado e quatro almôndegas num papel pardo, esse triste dia talvez houvesse sido último da vida de Anselmo, que já se dispusera a estourar o crânio, se tivesse um revólver... a estourar o crânio, talvez não, mas a vender o revólver com certeza.

VI

E assim passaram lentas duas semanas avaras. Todos os dias, como oração matinal, injuriavam Crebillon que lhes havia mentido e pediam a cólera dos céus para Dona Ana, a inflexível, depois reuniam-se em conselho discutindo meios de conseguir almoço e, como era mais difícil arranjar-lo para todos, tomava cada qual o seu destino, despedindo-se à porta da rua, com tremuras na voz e os olhos úmidos. Toledo, porque tinha o primo, dirigia-se logo para Santa Teresa subindo a montanha penosamente, ao sol, certo, porém, de que ia regalar o estômago com os acepipes do parente, que tinha orgulho em possuir um cozinheiro perito e magníficos charutos. Ruy Vaz seguia a pé para as Laranjeiras e, tonificado pelo bom ar da manhã, saudável e aperitivo, empurrava o pesadíssimo portão do palacete do visconde de Montenegro.

Era um sombrio prédio entre velhíssimas árvores copadas, cujos ramos altos faziam uma abóbada impenetrável ao sol. As paredes, pintadas de um verde amarelado, pareciam cobertas

de limo. Os canteiros esquecidos estavam invadidos pelo mato, as aléias eram úmidas e tinham placas lutulentas, de um aveludado fino.

Velho negros, encolhidos pelos cantos, cochilavam preguiçosamente e, dia e noite, como em Scylla, era um uivar dolorido e longo, porque o visconde, grande amador de montarias, quando descia da sua fazenda, em Pinheiros, para passar no Rio os curtos invernos, trazia as suas trelas famosas que davam trabalho a dois negros e a um veterinário, sempre bêbedo e armado de lanceta, contra o qual os animais investiam, apavorados, quando o viam aparecer cambaleando.

Dois cavalos de sangue, altos e esgaldados, passeavam pelas aléias levados por um moço de estrebaria que os preparava, havia anos, para disputarem o grande prêmio, posto que o fidalgo já estivesse resolvido a metê-los nos varais do carro.

Nesse casarão, que tinha a gravidade claustral de um mosteiro antigo, dormindo um sono pacato à sombra quieta do arvoredado, vivia o visconde durante os meses chamados de inverno. Casto e sóbrio desde que, na Alemanha, ganhara certo mal que o trazia constantemente pelos consultórios e sempre a bradar contra as mulheres, observava rigorosa dieta, não indo além da canja, do frango e de um regrado copo de Bourgoigne. Era um asceta elegante.

Para que o não vencesse a sedução demoníaca, atordoava-se à mesa, que era lauta e franca. Não queria ouvir rumor de saias; as próprias negras, que passavam como fugitivas sombras pelos imensos corredores reboantes, colhiam cuidadosamente os vestidos para que nem roçassem nas tábuas enceradas. O fidalgo detestava a mulher, tinha horror ao feminino, à sua mesa só homens apareciam e tantos que, dois expeditos copeiros, alípedes e solícitos, eram constantemente reclamados de um extremo a outro e acudiam com as imensas travessas e com as terrinas incomensuráveis. Não raro um conviva desconhecido fartava-se e saía sem ter trocado uma palavra, sem mesmo saber a qual daqueles homens, que chalravam e devoravam, devia a fineza de tão delicado almoço e o visconde, achando aquilo patriarcal, ficava satisfeito, ria, chupando, com ares saciados, a asa loura do frango.

Ah achava Ruy Vaz conforto e fartura. Entrava de frente alta e os convivas acatavam-no, porque o visconde o considerava, não o dispensando à mesa, querendo-o sempre perto para as tremendas discussões.

O visconde era lido em Cantu e discutia, com ardor, a história, tendo grande simpatia pelos tiranos. Luiz XI era o seu homem. À mesa a sua opinião era como um oráculo. Luiz XI era o homem da mesa e como, entre os comensais, havia um dotado de excelente voz de barítono, não raro o nome do rei